

Helena Pacheco Spínola

A formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos

Do latim ao português

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino do Português e Línguas Clássicas no
3.º ciclo dos Ensino Básico e Secundário, orientada pelo Professor Doutor Belmiro Fernandes
Pereira

Orientadores de Estágio, Dr.^a Isabel Costa e Dr. Jorge Moranguinho
Supervisor de Estágio, Dr.^a Ana Ferreira e Dr.^a Marta Várzeas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

Helena Pacheco Spínola

Mestrado em Ensino do Português e Línguas Clássicas no 3.º ciclo dos Ensino Básico e Secundário, orientada pelo Professor Doutor Belmiro Fernandes Pereira

Orientadores de Estágio, Dr.ª Isabel Costa e Dr. Jorge Moranguinho
Supervisor de Estágio, Dr.ª Ana Ferreira e Dr.ª Marta Várzeas

Membros do Júri

Professor Doutor Belmiro Fernandes Pereira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Isabel Margarida Duarte
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Marta Isabel de Oliveira Várzeas
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 14 valores

ÍNDICE

Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	9
Lista de Figuras/Gráficos	10
Lista de Quadros	11
Lista de Abreviaturas/Siglas	12
Introdução	13
Razões da escolha do tema	16

PARTE I – Enquadramento teórico

1. Morfologia do adjetivo	20
1.1. Morfologia flexional	20
1.1.1. Em número	21
1.1.2. Em género	21
1.1.3. Em grau	23
1.1.3.1. O grau superlativo dos adjetivos	23
1.1.3.1.1. Relativo	25
1.1.3.1.2. Absoluto	25
a) Analítico	25
b) Sintético	25
i) Em latim	26
ii) Em português	27
2. Considerações sobre a formação do grau superlativo absoluto sintético	31

PARTE II – O ensino da gramática na sala de aula

1. O caso do ensino do Português	34
1.1. TLEBS <i>versus</i> DT	34
1.2. As Metas Curriculares	35
2. O caso do ensino do Latim	37
2.1. Projeto “Oferta de escola”	38
2.2. Metodologia e didática	40

PARTE III – A prática de ensino supervisionada e análise de dados

1. Caracterização da escola	44
2. O projeto <i>Pari Passu</i>	45
3. Caracterização das turmas	50
4. Instrumento para a recolha e análise de dados	51
5. A aplicação de fichas gramaticais	51
5.1. Ficha 1	53
5.1.1. Pré-teste	53
5.1.2. Pós-teste	56
5.2. Ficha 2	61
5.3. Ficha 3	64
Reflexão final	70
Referências bibliográficas	74
Anexos	79
Anexo 1 – Ficha 1	80
Anexo 2 – Ficha 2	81
Anexo 3 – Ficha 3	83

Agradecimentos

A concretização deste projeto conclui um longo percurso, em que contei com o apoio e a compreensão de várias pessoas.

Assim, cabe-me agradecer ao Prof. Belmiro Fernandes Pereira pela orientação e pelas sugestões que contribuíram para a construção deste trabalho.

Aos orientadores da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, Dr.^a Isabel Costa e Dr. Jorge Moranguinho, que sempre se mostraram preocupados e interessados em acompanhar a elaboração do meu relatório e sempre se disponibilizaram para me auxiliarem.

À Maria Helena e ao Zé, amigos e colegas do núcleo de estágio, um muito obrigado pela forma como me ajudaram a conduzir esta viagem. Por todo o apoio durante estes dois anos tão difíceis.

À Cátia, pela amizade incondicional e por tantas vezes me trazer à razão. À Alícia por me ter dado ânimo quando mais precisava.

Ao Hugo, por fazer parte da minha família e dos meus amigos. Agradeço por ter sido mais do que um ombro amigo nas horas menos boas e por nunca ter perdido a fé e confiança em mim. Pelos infindáveis dias em que a paciência, tolerância e carinho me fizeram continuar com mais força.

Não posso esquecer, porém, os meus pais. Obrigada pelos sacrifícios que fizeram, pela possibilidade que me ofereceram, por terem decidido investir na minha educação e pelas palavras certas no momento certo. O meu profundo apreço por todo o apoio durante toda a minha vida e, sobretudo, nos momentos mais difíceis dos últimos dois anos. Embora *clichê*, a verdade é que sem vós este trabalho não teria sido possível.

Resumo

A estreita relação entre as Línguas Clássicas e as línguas modernas do ocidente europeu tem vindo a ser esquecida, em particular no caso do português, não só pelo Ministério da Educação e Ciência como, conseqüentemente, pela sociedade. A herança clássica tem perdido valor em vários planos e também a nível da terminologia linguística que a cada revisão mais se afasta do legado da gramática latina.

Assim, este estudo apresenta uma reflexão sobre o contributo da língua latina para a formação em português do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos. Pretende-se, pois, demonstrar como alunos sem conhecimentos da língua latina apresentam mais dificuldades em flexionar esse grau dos adjetivos nas formas ditas irregulares. Para apreciar o interesse desta disciplina no ensino recorrente, esse conteúdo gramatical foi trabalhado nas aulas de Português e Latim durante o período de estágio na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, no ano letivo 2014/2015.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática; Morfologia flexional; Adjetivos; Grau superlativo dos adjetivos; Ensino de Latim e Português.

Abstract

The strict relation between Classical Languages and modern languages of the European occident, particularly the Portuguese, have been gradually neglected by the Ministério da Educação e Ciência as, consequently, by the society. The classical heritage had been losing value in several aspects and also in the case of linguistic terminology that at every revision departs of the latin grammatical legacy.

So, this study presents a reflection about the contribution of latin language on the formation of Synthetic absolute degree of adjectives. It pretends, this way, demonstrate how students without knowledge about latin language presents more difficulty bending that degree of adjectives by the irregular forms. To appreciate the interest of this discipline in the current teaching, that grammatical content has been worked in portuguese and latin classes during the period of internship in Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, in the school year of 2014/2015.

KEY-WORDS: Grammar; inflectional morphology; Adjectives; Superlative degree of adjectives; Latin and Portuguese teaching.

Lista de figuras

Figura 1: Esquema sobre a formação do grau superlativo em latim com o sufixo – <i>issimus</i>	26
Figura 2: Esquema sobre a formação do grau superlativo em latim com o sufixo – <i>errimus</i> e – <i>illimus</i>	27

Lista de gráficos

Gráfico I: Resultados, em pontos percentuais, das respostas corretas dos alunos – por via erudita	52
Gráfico II: Resultados, em pontos percentuais, das respostas corretas dos alunos – por via popular	52
Gráfico III: Turma de Português – pobre.....	53
Gráfico IV: Turma de Latim – pobre.....	53
Gráfico V: Turma de Português – simples.....	53
Gráfico VI: Turma de Latim – simples.....	53
Gráfico VII: Turma de Português – célebre.....	53
Gráfico VIII: Turma de Latim – célebre.....	53
Gráfico IX: Turma de Português – amigo.....	54
Gráfico X: Turma de Latim – amigo.....	54
Gráfico XI: Resultados do pós-teste dos alunos da turma de Latim em pontos percentuais – via erudita.....	55
Gráfico XII: Resultados do pós-teste dos alunos da turma de Latim em pontos percentuais – via popular.....	55
Gráfico XIII: Resultados dos alunos da turma de Latim no pré e pós-teste em pontos percentuais.....	56
Gráfico XIV: Hipóteses pré-teste – pobre.....	56
Gráfico XV: Hipóteses pós-teste – pobre.....	56
Gráfico XVI: Hipóteses pré-teste – simples.....	56
Gráfico XVII: Hipóteses pós-teste – simples.....	56

Gráfico XVIII: Hipóteses pré-teste – célebre.....	57
Gráfico XIX: Hipóteses pós-teste –célebre.....	57
Gráfico XX: Hipóteses pré-teste – amigo.....	57
Gráfico XXI: Hipóteses pós-teste – amigo.....	57
Gráfico XXII: Resultados corretos obtidos pelas duas turmas em pontos percentuais.....	58
Gráfico XXIII: Percentagem das respostas corretas dadas pelos alunos de Latim e Português ao grupo I.....	59
Gráfico XXIV: Percentagem das respostas corretas dadas pelos alunos de Latim e Português ao grupo II.....	60
Gráfico XXV: Percentagem das respostas corretas dadas pelos alunos de Latim e Português ao grupo III.....	61
Gráfico XXVI: Resultados corretos obtidos pelas tuas turmas em pontos percentuais.....	63
Gráfico XXVII: Turma de Português – eloquente.....	64
Gráfico XXVIII: Turma de Latim – eloquente.....	64
Gráfico XXIX: Turma de Português – alvo.....	64
Gráfico XXX: Turma de Latim – alvo.....	64
Gráfico XXXI: Turma de Português – ténue.....	64
Gráfico XXXII: Turma de Latim – ténue.....	64
Gráfico XXXIII: Turma de Português – clemente.....	64
Gráfico XXXIX: Turma de Latim – clemente.....	64
Gráfico XXXV: Turma de Português – pugnaz.....	65
Gráfico XXXVI: Turma de Latim – pugnaz.....	65
Gráfico XXXVII: Turma de Português – vil.....	65
Gráfico XXXVIII: Turma de Latim – vil.....	65

Lista de quadros

Quadro I: Programa <i>Pari Passu</i> , 2012.....	44
Quadro II: Sugestões de abordagem didática do programa <i>Pari Passu</i> , 2012.....	45
Quadro III: Parte do programa de Latim 10.º ano, 2015.....	46

Lista de abreviaturas

Adj. – *adjetivo*

ETIM. – *etimologia*

Fig. – *figurado (sentido); figuradamente*

Gen. – *genitivo*

Nom. - *nominativo*

Sing. - *singular*

Lista de siglas

A.H. – *Alexandre Herculano*

C.C.B. – *Camilo Castelo Branco*

DGE – *Direção Geral da Educação*

DT – *Dicionário Terminológico*

EBSRF – *Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas*

E.Q. – *Eça de Queirós*

MC – *Metas Curriculares*

MEC – *Ministério da Educação e Ciência*

NS/NR – *Não sabe/Não responde*

TLEBS – *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*

INTRODUÇÃO

O processo natural de aquisição da linguagem baseia-se no princípio da imersão do indivíduo na língua, sendo o seu desenvolvimento linguístico feito a partir da sua constante exposição à fala. Segundo esta definição, é fácil cair no engano e concordar com a teoria vulgar de que o Latim é uma “língua morta” e que, de acordo com a realidade sócio educacional dos nossos dias, não passa de uma disciplina menor. Contudo, importa lembrar que a cultura da civilização ocidental, por ser herdeira e beneficiária da cultura greco-latina, reflete-se não apenas nas línguas, mas também no pensamento, nas artes e nas ciências da civilização ocidental. Se a reflexão sobre a estrutura e o próprio funcionamento da língua portuguesa não fossem menosprezados, a aplicação das contribuições trazidas pela linguística provaria quanto o latim enriquece a nossa própria experiência de linguagem. Efetivamente, a questão funcional do Latim nas escolas de ensino básico enquanto disciplina será ultrapassada quando se reconhecer o seu contributo para a melhoria do ensino de disciplinas como as línguas, Literatura, História, Filosofia, Direito, Religião, Artes e Ciências.

Atendendo a esta realidade, o presente relatório de estágio expõe a intervenção pedagógica supervisionada que se desenvolveu no contexto de sala de aula nas disciplinas de Latim e Português a alunos de 10.º ano na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, durante o ano letivo de 2014/2015. O estágio pedagógico está associado à unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, no âmbito do segundo ciclo de estudos, que na Faculdade de Letras do Porto, confere o grau de mestre em Ensino do Português e Línguas Clássicas o 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Sendo o objeto de estudo deste relatório uma classe de palavras – o adjetivo e a sua flexão em grau -, enquadrando-se numa formação orientada para o ensino de Português e Línguas Clássicas, a componente teórica do presente trabalho centra-se na relevância do latim para o ensino do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos, em português.

A problematização que se tornou ponto de partida deste estudo comparativo pretende indagar se os alunos realmente conseguem formar corretamente o grau absoluto sintético dos adjetivos, sobretudo no caso das formas eruditas.

Assim, o primeiro capítulo do relatório começará por uma breve revisão bibliográfica sobre a flexão do grau dos adjetivos, comparando opiniões de alguns especialistas e autores de referência quando se fala em gramática latina e portuguesa. Seguidamente teremos em conta os termos e conceitos que se encontram em *Morphologie Historique du Latin* (2009) de Alfred Ernout, em *Éléments de phonétique du latin* de Pierre Monteil (1986), em *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2005) de Celso Cunha & Lindley Cintra e no *Dicionário Terminológico* de 2008.

O segundo capítulo, sobre o *ensino da gramática na sala de aula*, encontra-se dividido em dois subtemas, *o caso do ensino do português* e *o caso do ensino do latim*. Far-se-á aqui a análise das alterações a que a gramática portuguesa tem sido submetida nos últimos anos. Com o intuito de atualizar e complementar trabalhos realizados anteriormente por colegas do mesmo mestrado, tratar-se-á não apenas do *Dicionário Terminológico* e das alterações conceituais que dele advieram, mas também da adoção das *Metas Curriculares* que entraram em vigor já no ano letivo de 2015/2016. No que diz respeito ao ensino do latim, pretende-se refletir sobre a negligência a que esta disciplina tem sido votada ao longo de décadas no nosso país. Sobre a ideia do latim como “língua morta”, pouco útil na formação académica e que pouco acrescenta ou motiva os alunos, recolheram-se artigos de conceituadas revistas internacionais da primeira década do século XX, que alertavam já para a urgente necessidade de atualização metodológica no ensino do Latim. No panorama nacional, apresentar-se-á ainda a mais recente proposta do Ministério da Educação e Ciência “Oferta de escola” para introdução das Línguas Clássicas no ensino básico.

O capítulo terceiro, como não podia deixar de ser, trata a iniciação à prática profissional desenvolvida durante o ano letivo de 2014/2015 na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas. Os vários subcapítulos em que se divide vão desde a apresentação da escola que acolheu o nosso trabalho, o projeto *Pari Passu*, do qual a EBSRG foi pioneira, a caracterização das turmas/amostra, à análise de dados conseguidos através de várias fichas gramaticais entregues aos alunos dos 10.^{os} anos de Português e de Latim ao longo do estágio pedagógico.

Todo o trabalho de campo foi orientado com o intuito de estimular os alunos para a descoberta da formação das palavras, chegando, assim, às línguas latina e grega. Tendo apenas oportunidade de lecionar latim, as aulas foram orientadas para o ensino dos graus dos adjetivos. Embora tenha feito referência e abordado todos os graus, o ensino mais detalhado e aprofundado cingiu-se ao grau superlativo. De acordo com os objetivos e metas estabelecidos no início do ano para as disciplinas, de Latim e Português, foi possível realizar fichas variadas sobre esse conteúdo. Através delas pretende-se provar como o latim é um saber importante para a aprendizagem da gramática portuguesa, em particular no caso da flexão dos adjetivos no grau superlativo absoluto.

As conclusões da análise dos dados recolhidos em sala de aula serão apresentadas no final deste relatório.

Razões da escolha do tema

“A gramática é um assunto que parece ter pouca utilidade prática. Ao contrário de outras matérias escolares, não ensina novas habilidades à criança, pois esta já conjuga e declina antes de entrar na escola. Já se chegou até mesmo a dizer que o ensino da gramática na escola devia ser abolido. Podemos replicar que a nossa análise mostrou claramente que o estudo da gramática é de grande importância para o desenvolvimento mental da criança... Ela pode não adquirir novas formas gramaticais ou sintáticas na escola, mas graças ao aprendizado da gramática e da escrita, realmente toma-se consciente do que está fazendo e aprende a usar as suas habilidades conscientemente” (Vygotsky, 2008, p.86)

No presente relatório de estágio procura-se mostrar a importância do latim no ensino da formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos em português. Por isso, de forma sistematizada, pretende-se observar, através de um percurso de investigação em sala de aula, se os alunos de Português de 10.º ano têm mais dificuldades em realizar exercícios relativos a este conteúdo gramatical do que os alunos do mesmo ano de Latim. Efetivamente, a escolha deste tema decorreu, simultaneamente, de motivações pessoais e da atual pertinência sócio educacional em relacionar a língua latina com a língua portuguesa.

Motivações pessoais

Um dos motivos que levaram à escolha dos graus dos adjetivos para abordar e analisar em sala de aula foi o escasso tratamento que o tema tem merecido. Digamos que a flexão dos adjetivos nos diferentes graus não tem sido devidamente teorizada e refletida em sala de aula, sobretudo o grau superlativo absoluto sintético. No âmbito de um mestrado de ensino de português e línguas clássicas não parecia descabido ensaiar uma análise comparativa deste conteúdo nas aulas de Português e de Latim. De acordo com as Metas Curriculares de Português no Ensino Básico, homologadas em março de 2015, a flexão dos adjetivos em grau é tratada no 4.º ano de escolaridade. Talvez esta circunstância justifique a falta de clareza e da devida reflexão teórica no momento de aprendizagem. Por ser ensinado em tenra idade, as lacunas de conhecimento descritivo perpetuam-se ao longo dos anos.

Motivações sócio educacionais atuais

A decisão de centrar a investigação no grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos decorreu, também, da verificação de que este grau reflete muito a influência do latim no português, assunto que ganhou renovado interesse durante o ano corrente. O papel da língua de Lácio no ensino do português tornou-se objeto de atenção e de debate nos meios académicos e na sociedade no processo e na sequência da criação de uma disciplina de introdução à cultura e às línguas clássicas no ensino básico. Muitas opiniões se referiram à matriz latina das línguas românicas como meio de questionação e de reflexão sobre a instável descrição linguística que tem caracterizado o ensino da gramática portuguesa. Note-se que em maio do presente ano de 2015 foi anunciada a possibilidade de criação da disciplina “Oferta de escola” no ensino básico, tendo em vista atrair os mais novos para a aprendizagem das línguas clássicas e da cultura greco-romana. Assim sendo, considerou-se legítimo demonstrar como as bases latinas contribuem para esclarecer dúvidas relativas à formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos em português.

PARTE I – Enquadramento teórico

Uma breve contextualização do adjetivo enquanto categoria morfológica da gramática portuguesa será feita neste capítulo. Para isso, volta-se a frisar que a gramática que se toma como referência é a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra, acompanhada do *Dicionário Terminológico* quando pertinente.

1. Morfologia

Por ser uma das muitas partes que integram a gramática portuguesa, a classe de palavras “adjetivo” pressupõe um conjunto de normas e funções morfossintáticas. Mas antes de abordar as diversas características inerentes ao objeto de estudo deste relatório necessário será referir que, segundo Cunha e Cintra (2005), o adjetivo é um morfema lexical.

Morfemas são unidades mínimas de significação, mas podem ser classificados como morfemas lexicais ou como morfemas gramaticais. Por morfema lexical entendem-se todas as palavras que têm “significação externa” (Cunha & Cintra, 2005, p.77), ou seja, que têm sentido por si sós. É o caso dos substantivos (“nomes” - terminologia do DT), adjetivos, verbos e advérbios de modo (“advérbio de frase”- terminologia do DT). Já os morfemas gramaticais são aquelas palavras que possuem “significação interna” (Cunha & Cintra, 2005, p.77); dito de outra forma, precisam de outras com que se relacionar de modo a obter significado. A esta categoria pertencem os artigos, os pronomes, os numerais (no DT integram a classe de palavras “adjetivo”), as preposições, as conjunções e os demais advérbios, “bem como as formas indicadoras de número, género, tempo, modo ou aspeto verbal”. (Cunha & Cintra, 2005, p.78).

1.1. Morfologia flexional

Como se sabe, as classes de palavras também admitem dois tipos de categorização diferente, podem ser classificadas como variáveis e invariáveis. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2005), esta dicotomia depende da possibilidade ou impossibilidade de essas palavras se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências. Quer isto dizer que nas classes de palavras variáveis inserem-se as palavras que solicitem alterações de género, número, grau, tempo ou modo, enquanto nas classes de palavras invariáveis não são admitidas palavras que impossibilitem a agregação de um morfema ou desinência.

Importa, pois, atentar no adjetivo enquanto palavra variável já que admite três formas de flexão.

1.1.1. Em número

O adjetivo é um acompanhante do substantivo/nome (nomenclatura de Celso e Cunha/terminologia do DT). Como o adjetivo acompanha o nome tem de se flexionar nos mesmos termos que o subordinante. Ou seja, o adjetivo tem de formar singular ou plural de acordo com a flexão do substantivo/nome que segue. Portanto, quando se fala em flexão em número, a referimo-nos à forma singular e plural que certas palavras admitem. Contudo, ao contrário da *“Nova Gramática do Português Contemporâneo”* (2005), o Dicionário Terminológico não faz considerações quanto à formação do plural e feminino no adjetivo, cingindo-se somente a uma consideração geral e sucinta relativamente à flexão do adjetivo em número. Se a maioria dos linguistas e estudiosos dos assuntos referentes à gramática portuguesa, como Celso Cunha e Lindley Cintra, adotam o mesmo processo de formação do plural dos substantivos/nomes para os adjetivos, a única diferença nesta flexão limita-se aos adjetivos compostos, recebendo a marca do plural “apenas o último elemento” (Cunha & Cintra, 2005, p.253). Os autores salvaguardam na sua obra a forma “surdo-mudo” - ”surdos-mudos” e o facto de os adjetivos que se referem a cores serem invariáveis quando o segundo termo de composição é um substantivo, como sucede no caso de:

a) “blusas vermelho-sangue”

b) “canários amarelo-ouro”

1.1.2. Em género

Ao nos referirmos ao adjetivo, importa realçar o facto de este não possuir variação de género, mas admitir duas alterações que correspondem ao género do substantivo que acompanham. Cunha e Cintra (2005, p.251) referem que “do ponto de vista morfológico [o adjetivo] pode, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de género, sem que, com isso, seja uma palavra de género determinado”. Conclui-se, assim, que o adjetivo pode assumir uma forma de feminino e outra de masculino.

Relativamente a esta matéria, acrescenta-se ainda que os adjetivos podem ser uniformes ou biformes. Os uniformes são os que apresentam apenas uma forma para ambos os géneros, feminino e masculino. São reconhecíveis quando terminam em:

- a) *-a*: hipócrita, cosmopolita, agrícola, ...
- b) *-e*: breve, doce, humilde, e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense*, *-ante*, *-ente* e *-inte*: constante, crescente, pedinte, *etc.*
- c) *-l*: cordial, amável, azul, ágil, ...
- d) *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): ímpar, maior, *etc.*
- e) Paroxítonos terminados em *-s*: reles, simples, ...
- f) *-z*: feliz, atroz, ...
- g) *-m*: virgem, ruim, comum, ...

Há exceções salvaguardadas: *andaluz/andaluza*, *bom/boa*, *espanhol/espanhola* e a maioria dos terminados em *-ês* e em *-or*.

Os adjetivos biformes, por sua vez, apresentam formas distintas para o feminino e para o masculino. Esta variação rege-se por regras que seguem os parâmetros do “processo de formação do feminino (...) dos substantivos”. Cunha e Cintra enumeram as seguintes regras gerais:

- a) Terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*: lindo/linda, ...
- b) Terminados em *-u*, *-ês* e *-or* acrescentam *-a* à forma masculina: nu/nua, marquês/marquesa, encantador/encantadora, ...
- c) Terminados em *-ão* formam-no em *-ã* ou *-ona*: são/sã, chorão/chorona, ...
- d) Terminados em *-eu* (*e* fechado) transformam-se em *-eia*: europeu/europeia, ...
- e) Terminados em *-éu* (*e* aberto) formam-no em *-oa*: ilhéu/ilhoa, *etc.*

1.1.3. Em grau

Por fim, tratar-se-á agora a flexão do adjetivo que mais interessa neste estudo, a sua flexão em grau.

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, consideram-se apenas duas variações em grau, o comparativo e superlativo. No entanto, outros gramáticos como Evanildo Bechara em *Moderna Gramática Portuguesa* (2003), assim como no *Dicionário Terminológico*, reconhecem um terceiro grau no adjetivo, o grau positivo (Bechara, 2003, p.248) ou grau normal, considerado pelo DT.

Pierre Monteil, em *Éléments de phonétique et de morphologie du latin*, explica que:

“l’adjectif qui ne compairt point la marque suffixale, et constituait la plupart du temps la base de dérivation (...), est devenu, au sens propre, un “positif”. (Monteil, 1986, p.209).

Explicado que o grau positivo ou normal não apresenta mudanças da palavra, ficando com a mesma forma, segue-se abaixo a caracterização do grau comparativo em linhas gerais.

O grau comparativo pode ser de superioridade, inferioridade ou igualdade. De acordo ainda com Cunha e Cintra, pode dizer-se que este grau exprime a comparação de qualidades entre dois seres ou a comparação de qualidades num mesmo ser. Ou seja, o grau comparativo de superioridade estabelece uma comparação em que o primeiro elemento é superior ao segundo e forma-se “antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se as conjunções *que* ou *do que*” (Cunha & Cintra, 2005, p.257). O grau comparativo de igualdade constrói-se utilizando o advérbio *tão* anteposto ao adjetivo com as conjunções *como* ou *quanto* para estabelecer uma relação de equidade. E, por fim, o grau comparativo de inferioridade forma-se com o advérbio *menos* e as conjunções *que* ou *do que*, indicando qualidade menor entre um elemento e outro ou diferentes elementos num único sujeito.

1.1.3.1. O grau superlativo

Entrando já no cerne desta contextualização teórica, por ser considerado o mais complexo dos graus e por ser o tema deste relatório de estágio, o grau superlativo absoluto sintético será tratado com especial ênfase. Na verdade, como é sabido, o grau superlativo pode dividir-se em relativo e absoluto.

1.1.3.1.1. Relativo

O grau superlativo relativo admite, ainda, duas subdivisões, pode ser relativo de superioridade e de inferioridade. A sua função é relacionar a “totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade” (Cunha & Cintra, 2005, p.257), em que um deles se destaca por concentrá-la em “maior ou menos grau que os demais” (Cunha & Cintra, 2005, p.257). Como dizem os autores referidos, “o de superioridade forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade” (alínea a)) e o de inferioridade “pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade” (alínea b)):

- a) Este aluno é o mais estudioso do Colégio.
- b) Jorge foi o colega menos leal que conheci.

1.1.3.1.2. Absoluto

Por sua vez, o grau superlativo absoluto pode denotar “que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade.” (Cunha & Cintra, 2005, p.255). E divide-se em analítico ou sintético.

a) Analítico

Em termos gerais, o grau superlativo absoluto analítico expressa-se através de um advérbio anteposto ao adjetivo, e o sintético expressa-se apenas através de uma palavra. Os advérbios que normalmente ajudam a formar o grau superlativo absoluto analítico são *muito*, *intensamente*, *extraordinariamente*, *excessivamente*, *exceccionalmente*, *grandemente*, entre outros. Atente-se nos seguintes exemplos sugeridos por Cunha e Cintra:

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|
| a) <u>Muito</u> estudioso | d) <u>Excessivamente</u> fácil |
| b) <u>Imensamente</u> triste | e) <u>Extraordinariamente</u> salubre |
| c) <u>Grandemente</u> prejudicial | f) <u>Exceccionalmente</u> cheio |

b) Sintético

Já o grau superlativo absoluto sintético, aquele que constitui o núcleo central deste trabalho, mostra maior complexidade na sua formação. De modo a entender quais os processos de formação atentou-se não apenas na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, mas também na *Morphologie Historique du latin* de Alfred Ernout. A importância deste manual para o nosso estudo tem a ver, naturalmente, com o facto de o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos muito depender da formação do grau superlativo dos adjetivos em latim.

É comum pensar-se e, ensinar-se, que para formar o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos basta juntar sufixo *-íssimo* ao radical do adjetivo. Contudo, são muitos os casos em que esse processo não se adequa, dando origem a incorreções e dúvidas quando é preciso empregar este grau adjetival.

Alfred Ernout, fazendo-se valer das bases latinas, explica claramente em que consiste este processo. Em vez do sufixo *-íssimo*, Ernout esclarece que *-imo-* é o sufixo comum a todas formas de superlativo absoluto sintético e que pode aparecer só ou acompanhado de outros sufixos.

Convirá realçar que, para entender corretamente a formação deste grau, é preciso conhecer a forma positiva do adjetivo em latim. A partir daqui podem-se deduzir as formas portuguesas do superlativo absoluto sintético acrescentando os sufixos *-íssimo*, *-érrimo* ou *-ílimo*. Todavia, não são estes os sufixos que se encontram na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra. De acordo com os autores da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2005), os sufixos que entram na formação dos adjetivos no grau superlativo absoluto sintético são *-íssimo*, *-bilíssimo*, *-císsimo* e *-níssimo*. Haverá uma certa contradição entre gramáticos, mas tal acontece porque Ernout prova que no latim *-bil-* não pertence ao sufixo do grau superlativo absoluto sintético, mas sim ao próprio radical do adjetivo.

Para facilitar a aprendizagem resolveu-se começar por desenvolver a questão da formação do grau superlativo absoluto sintético partindo dos processos simplificados de Cunha e Cintra, utilizados, geralmente, nas aulas de português. Somente após esta revisão se partirá para as considerações feitas por Ernout para a gramática latina. Este trabalho permitirá, mais uma vez, evidenciar a real influência que a língua latina exerce nos mais variados domínios da gramática e língua portuguesas.

i) Em português

Se Celso Cunha e Lindley Cintra mencionam que o grau superlativo absoluto sintético é formado com o sufixo *-íssimo-*, também alertam para o facto de, caso o adjetivo termine em vogal, esta desaparece, como em belo/belíssimo ou triste/tristíssimo. Perante a possibilidade de alteração da terminação do adjetivo quando adicionada ao sufixo em questão, os autores enumeram as regras a seguir na constituição deste grau. Por isso, segundo Cunha e Cintra, o grau superlativo absoluto sintético forma-se atendendo:

- a) Adjetivos terminados em *-vel* vão formar *-bilíssimo*: amável/amabilíssimo
- b) Adjetivos terminados em *-z* dão origem a *-císsimo*: capaz/capacíssimo
- c) Adjetivos terminados em *-m* formam *-níssimo*: pagão/paganíssimo

Os autores ressalvam ainda a ocorrência de adjetivos que não modificam a sua forma ao receber o sufixo, como em fértil/fertilíssimo, e para casos em que a vogal *-i* se repetia, como em cheio/cheiíssimo, embora a “língua atual” prefira a forma simplificada *cheíssimo*.

Não obstante, Cunha e Cintra relembram que existem quatro adjetivos que “formam o comparativo [de superioridade] e o superlativo de forma especial” (Cunha & Cintra, 2005, p.260), não seguindo, portanto, as regras acima mencionadas. Flexionam-se assim esses adjetivos no seu grau normal ou positivo, grau comparativo de superioridade, superlativo absoluto e superlativo relativo:

- a) bom – melhor – ótimo – o melhor
- b) mau – pior – péssimo – o pior
- c) grande – maior – máximo – o maior
- d) pequeno – menor – mínimo – o menor

Cingimo-nos à formação do grau superlativo absoluto sintético recorrendo a alterações dos adjetivos, mas Cunha e Cintra indicam outras formas de expressar o valor de superlativo.

- a) Repetições do adjetivo em grau normal: O dia está belo, belo.
- b) Uso de comparações: claro como água.
- c) Uso de expressões fixas: podre de rico.

d) Acréscimo de um prefixo ou “pseudo-prefixo”: arquimilionário, extrafino, hipersensível, ultra-rápido, *etc.*

e) Uso do artigo definido: Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é a cantora.

Verifica-se, na verdade, que o adjetivo admite muitas variações decorrentes da flexão e do facto de estar em constante subordinação.

ii) Em latim

De acordo com o que foi dito anteriormente, os processos de formação do adjetivo no grau superlativo absoluto sintético em português empregam os procedimentos em latim.

Em linhas gerais, o que Alfred Ernout e Pierre Monteil explicam sobre as possibilidades sufixais é que estas variam conforme a forma de genitivo do adjetivo. Por outras palavras, para flexionar um adjetivo no grau superlativo absoluto sintético tem-se de ter em atenção o seu radical, obtido excluindo a terminação de genitivo. Ao radical do adjetivo adiciona-se então o sufixo correto *-issimus*, *-errimus* ou *-illimus*.

Há, no entanto, que ter em conta que os adjetivos em latim se dividem em triformes, biformes e uniformes, quando em português apenas existem duas subcategorias, adjetivos biformes e uniformes, vestígios da nomenclatura e morfologia latina no português. Em português não há adjetivos triformes, pois a língua portuguesa apenas se flexiona nos géneros masculino e feminino, desconhecendo, fora da flexão pronominal, o género neutro. Seguindo a mesma lógica, os adjetivos triformes apresentam três formas de enunciação, no masculino pode ter terminação em *-us* ou *-er*, no feminino com terminações em *-a*, *-ra* ou *-era* e no neutro terminando em *-um*, *-rum* ou *-erum*. Por sua vez, os adjetivos biformes enunciam-se com duas formas, uma para géneros masculino e feminino e outra para o neutro. Já os adjetivos uniformes mostram duas formas na enunciação, sendo que a primeira equivale aos três géneros e a segunda fornece o genitivo, caso a partir do qual encontramos o radical do adjetivo.

O esquema que se segue, apresentado em *PowerPoint* aos alunos de Latim durante a leção deste conteúdo nas aulas, explicará melhor como formar o grau superlativo dos adjetivos:

Segue-se a lista:

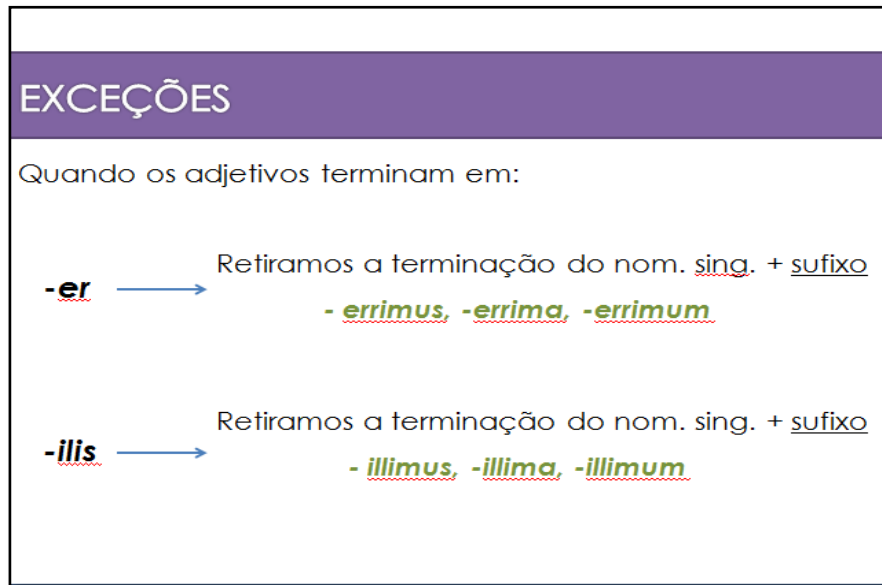


Figura 2 – Quadro sobre a formação do grau superlativo em latim – sufixos *-errimus* e *-illimus*.

Mais uma vez, para se saber se o adjetivo tem as terminações acima identificadas, ter-se-ia de possuir conhecimentos de latim. Notem-se, então, exemplos de adjetivos que terminem em *-er*:

Adj. grau normal	Nom. Sing.	Sufixo
d) <i>Liber, era, erum</i>	<i>Lib-</i>	} <i>-errimus, -errima, -errimus</i>
e) <i>Saluber, bris, bre</i>	<i>Salub-</i>	
f) <i>Celeber, bris, bre</i>	<i>Celeb-</i>	

Assim, o grau superlativo de ‘livre’, ‘saudável’ e ‘célebre’ são *liberrimus*, *saluberrimus* e *celeberrimus*, respetivamente.

Os adjetivos a que se acrescenta o sufixo *-illimus* são apenas seis, também referidos nas gramáticas latinas: *facilis*, *difficilis*, *similis*, *dissimilis*, *gracilis* e *humilis*. Em português nota-se essa ocorrência em “fácil”, “difícil”, “humilde” e “grácil”. Entenda-se, com o seguinte quadro, a razão:

Adj. grau normal	Nom. Sing.	Sufixo
<i>g) Facilis, e</i>	<i>Fac-</i>	} <i>- illimus, illima, illimum</i>
<i>h) Dificilis, e</i>	<i>Dific-</i>	
<i>i) Similis, e</i>	<i>Sim-</i>	
<i>j) Dissimilis, e</i>	<i>Dissim-</i>	
<i>k) Gracilis, e</i>	<i>Grac-</i>	
<i>l) Humilis, e</i>	<i>Hum-</i>	

Ao relembrarmos o esquema da figura 2, entende-se o motivo por que “fácil” forma o grau superlativo absoluto sintético fácilimo, difícil - difícilimo, humilde - humílimo, assim como ágil, dócil e grácil formam-se em agílmo, docílmo e gracílmo, respetivamente. Estes adjetivos seguem as formas latinas no grau superlativo.

2. Considerações sobre a formação do grau superlativo absoluto sintético

Ao identificar os devidos processos de formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos, que se regem pelas regras da gramática latina, admite-se que muitos leitores se tenham deparado com normas desconhecidas. É essa a realidade com que nos encaramos, certas vezes, em documentos dos órgãos de gestão escolar. Quando, por vezes, nem os próprios professores de português conhecem os verdadeiros procedimentos para uma formação correta e erudita dos adjetivos no grau em questão, é lógico que tais incorreções se perpetuem no ensino aos alunos.

Por este motivo parte-se da ideia de que os alunos de Português, normalmente, sentem grandes dificuldades em exercitar este conteúdo gramatical. O desconhecimento das noções de radical, tema ou desinência, torna mais difícil compreender como funciona a língua nesta parte da morfologia. Outra abordagem que contribuiria para a aprendizagem na formação dos graus dos adjetivos seria o estudo da evolução que a palavra sofre do ponto de vista da fonética histórica.

A título ilustrativo, veja-se os adjetivos que se flexionam acrescentando ao seu radical os sufixos *-íssimo*, *-érrimo* e *-ílimo*, não esquecendo que Cunha e Cintra (2005) referem apenas os sufixos *-íssimo*, *-bilíssimo*, *-císsimo* e *-níssimo*.

Cunha e Cintra sustentam que o sufixo *-bilíssimo* é aplicável quando o adjetivo termina em *-vel*, como sucede em “amável - amabilíssimo”. No entanto, em latim, este adjetivo no seu grau positivo/normal enuncia-se *amabilis*, e, o que, procedendo às alterações já conhecidas, origina o grau superlativo *amabilissimus*. Ou seja, a sílaba *-bil* não pertence, de facto, ao sufixo a adicionar ao radical do adjetivo, pois ele faz parte desse mesmo radical *-amabil*.

Quanto à regra de que os adjetivos terminados em *-z* dão origem a adjetivos terminados em *-císsimo* no grau superlativo, diga-se que também não parece de grande utilidade. Como visto atrás, no caso de *uelox, ocis*, o adjetivo latino origina o adjetivo português ‘veloz’. Neste caso, ao radical do adjetivo latino *ueloc-* acrescenta-se o sufixo *-issimus*, ou seja, em português, *velocíssimo*. Uma vez mais Cunha e Cintra preferem não aproveitar a base para esclarecer este contexto gramatical.

Por fim, referem ainda o sufixo *-níssimo* quando o adjetivo termina em *-m*. Relembre-se que “pagão”, exemplo utilizado na sua obra, em latim é *paganus, a, um*, que tem como radical a forma *pagan-* ao qual se adiciona o sufixo *-issimus*, perfazendo o grau superlativo

absoluto sintético “paganíssimo”. Quanto ao sufixo *-érrimo*, Cunha e Cintra nem o mencionam na sua gramática.

Em suma, o que se retira de Cunha e Cintra é uma sistematização prática e generalizada dos procedimentos a ter em conta quando se flexionam os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético. Através das suas regras, um aluno de português ou qualquer outro falante sem conhecimentos de latim tem maior probabilidade de estabelecer as aceções corretas.

No entanto, este tipo de esquematizações acaba por se tornar um tanto simplista, na medida em que não dá a conhecer os verdadeiros processos pelos quais o adjetivo passa a flexionar-se nos diversos graus. Por outras palavras, o aluno não é capaz de perceber os mecanismos basilares para proceder a uma correta flexão adjetival. Neste sentido, o papel que a língua latina poderia exercer neste conteúdo gramatical passaria por desconstruir algumas “exceções” reconhecidas pela língua portuguesa, mas não devidamente fundamentadas.

PARTE II – O ensino da gramática na sala de aula

1. O caso do ensino do Português

Em Portugal, tem-se assistido a uma constante atualização do programa da disciplina de Português. Nos últimos seis anos estas revisões têm sido feitas com alguma regularidade, dificultando o trabalho quer dos docentes, que não conseguem manter-se atualizados relativamente à nomenclatura ou terminologia a usar, quer dos alunos, pois ano após ano lhes são propostas novas formas de encarar a gramática do português.

1.1. TLEBS *versus* DT

Na última atualização, a TLEBS (*Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*) de 2004 foi substituída pelo DT (*Dicionário Terminológico*) de 2008. Este documento, no entanto, suscitou diversas críticas pela ocorrência de termos usados na moderna investigação científica e à simplificação e sistematização gramatical, por esta ter retirado muitos termos necessários na investigação e acrescentado outros em excesso.

No entanto, o DT ajudou a estabelecer claramente quais os termos a aplicar nos diferentes graus de ensino e reestruturou os domínios, fazendo com que se entrecruzem e sejam intercalados nos diferentes momentos de aula.

Em linhas gerais, o DT trouxe novidade nos seguintes pontos:

- os termos mudam e/ou estabilizam-se, mas os conceitos mantêm-se: por exemplo, nome e substantivo são sinónimos, mas o DT fixa o termo nome;
- os termos mantêm-se, mas o conceito muda: por exemplo, o predicativo do sujeito continua a chamar-se predicativo do sujeito, mas a sua definição inclui constituintes que a tradição gramatical considerava complementos circunstanciais, como na frase “A Maria está em Lisboa”;
- apresenta novos termos que não faziam parte dos programas, nem da tradição gramatical, sobretudo nas áreas da semântica, da semântica lexical e da análise do discurso, retórica, pragmática e linguística lexical;
- mudam os termos e os conceitos: por exemplo, o numeral ordinal dá lugar ao adjetivo numeral, por se considerar que possui características dessa classe de palavras.

Nestes termos, o Dicionário Terminológico tem em vista situar-se no quadro dos instrumentos de regulação linguística e de referência para o ensino e aprendizagem do português. A adoção do DT foi uma medida que pretendeu uniformizar os termos utilizados por docentes de português em todo o percurso escolar, do 1.º ciclo do ensino básico ao secundário, para designar os mesmos conceitos e problemas relacionados com o funcionamento da língua. Também pode ser entendido como resposta a uma necessidade sentida no terreno, diagnosticada pelos professores de Língua Portuguesa e Português, resultante da deriva terminológica instalada no sistema e nas práticas de ensino.

Tendo em conta que o relatório de estágio se baseia na classe de palavras “adjetivo”, o quadro abaixo reproduz a sua descrição feita no Dicionário Terminológico.

Dicionário Terminológico	
Adjetivo	
Qualificativo:	Exprime uma qualidade, ou seja, atribui uma qualidade ao nome, pode variar em grau e pode surgir antes ou depois do verbo, ainda que com a alteração de sentido: amigo rico/rico amigo
Numeral:	Tradicionalmente chamado numeral ordinal, este adjetivo estabelece uma ordem (primeiro mês, segundo mês, terceiro mês) e surge antes do nome, habitualmente, acompanhado por um determinante (o primeiro mês)
Relacional:	Adjetivo que deriva de um nome, não ocorre em posição pré-nominal nem varia em grau: os jornais diários; as aves aquáticas

Recorde-se que a TLEBS não apresentava subclassificações do adjetivo. Nos manuais de Língua Portuguesa do ensino básico e secundário esta classe de palavras era apenas entendida como uma “palavra que qualifica o nome” (Oliveira, M.L. & Mouta, M. G., 2006, p.77). Segundo Fernanda Reigota e Margarida Silva (2008, p.150), autoras de um manual para preparação do exame de Língua Portuguesa do 9.º ano, “os adjetivos são palavras que exprimem qualidades concretas (um cão preto) ou abstratas (uma grande alegria), expressas por substantivos ou pelos seus substitutos, os pronomes”. Porém, como se pode verificar no quadro anterior, de acordo com o atual Dicionário Terminológico, os adjetivos distribuem-se em três subclasses, incluindo a antiga classe dos numerais ordinais.

1.2. As Metas Curriculares

Além das mudanças na nomenclatura ou terminologia a adotar nas aulas de Português, surgiram, também, alterações no plano da disciplina. Juntaram-se ao programa as *Metas Curriculares*, introduzidas no ano de 2012. As MC's consistem numa listagem de objetivos obrigatórios, os quais se devem intercalar nas aulas, articulando os domínios da Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática no 1.º ciclo e no 3.º ciclo do Ensino Básico, separando apenas os domínios da Leitura e da Escrita.

Considerando sobretudo o papel das Metas Curriculares no ensino da gramática, Buescu, Morais, Rocha, & Magalhães, autoras do documento, referem que os objetivos propostos permitirão que:

“o aluno adquira e desenvolva a capacidade de sistematizar unidades, regras e processos gramaticais da nossa língua, de modo a fazer uso sustentado do português padrão nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita” (Buescu *et al.*, 2012, p.6)

No início do ano de 2012 foi estabelecido um período experimental de dois anos letivos, em que seria avaliada a aplicação das Metas Curriculares agregadas ao programa da disciplina de Português.

Embora levantando muita controvérsia no corpo docente, o ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, implementou, ao abrigo do Despacho n.º 2109/2015 em Diário da República, o novo Programa e Metas Curriculares de Português que entrou em vigor já no ano letivo de 2015/2016 para o ensino secundário.

No que diz respeito à flexão dos adjetivos nos diferentes graus, esse conteúdo é lecionado no 4.º ano de escolaridade, obedecendo às MC's - ponto G4.3:

GRAMÁTICA G4 - Conhecer propriedades das palavras e explicitar aspetos fundamentais da sua morfologia e do seu comportamento sintático.

1. Formar o plural dos nomes e adjetivos terminados em consoante.
2. Formar o feminino de nomes e adjetivos terminados em consoante.
3. Identificar os graus dos adjetivos e proceder a alterações de grau.
4. Fazer variar os nomes em grau (aumentativo e diminutivo).

5. Identificar pronomes pessoais (forma átona), possessivos e demonstrativos.

(...)

Depois do 4.º ano, não se encontra nenhuma outra referência a este conteúdo. No entanto, importa considerar se a aprendizagem foi feita de forma correta e se, nos anos seguintes, os alunos serão capazes de flexionar os adjetivos nos diferentes graus.

Foi a verificação destas incongruências que motivou o presente relatório.

2. O caso do ensino do latim

Retrocedendo até ao século XVI, verifica-se como os *Studia Humanitatis* já tinham como objetivo maior a restauração da cultura clássica através de uma recuperação do cânone de autores latinos, não esquecendo quão importante seria redigirem-se novos manuais para o ensino do Latim. Acreditava-se que a adoção de compêndios reestruturados permitiriam uma mais eficaz “renovação escolar humanista, [uma] modificação do pensamento e do horizonte linguístico, do processo técnico e da comercialização da escola”. (Verdelho, 1995, p.220)

Contudo, nesses manuais listavam-se textos que, a partir do século XVIII, entendiam-se não serem os mais adequados para a aprendizagem do latim. Toda a sua estruturação se orientava para a memorização, privilegiando-se o conhecimento de preceitos gramaticais e não a aplicação prática da língua. Ao por em causa o modelo que se tinha estabelecido desde o século XVI, foram sendo adotados novos métodos e metodologias que pretendiam conquistar os alunos para o ensino do latim.

No entanto, ao longo das décadas, caiu-se em exagero. Desde meados do século XX até hoje, como sustenta Cristina Sousa Pimentel:

“por medo de perder alunos ou os “traumatizar”, passou-se para um ensino infantilizado, assente em (maus) textos forjados, de conteúdo absolutamente ridículo, (...) acompanhado de muitos bonequinhos e muitos *slides* e acetatos”. (Pimentel, 2001, p.188)

A verdade é que, de uma forma ou de outra, apesar de esforços variados, com as sucessivas reformas educativas, o Latim não tem conseguido estabilizar-se e permanecer nos

planos curriculares do ensino português. Se numa primeira fase, a língua latina deixou de ser disciplina obrigatória para acesso aos cursos de Letras ou de Direito nas universidades portuguesas, diga-se que a condição que se lhe impõe ao ser disciplina opcional no ensino secundário em nada ajuda. Soma-se a esse fator a imposição de que para o latim ser lecionado em qualquer escola, o número de alunos inscritos à disciplina deve ser de vinte. Como em geral tal não se verifica, a disciplina de Latim raramente é lecionada nas escolas. Sabe-se que, segundo os dados apresentados no jornal *Público* de 1/04/2015, nos últimos quinze anos, o Latim foi desaparecendo das escolas do país.

Uma nova reforma do ensino do Latim em Portugal surgiu com a proposta de que se seguissem as recomendações da UNESCO em 2010, que se ensinasse o latim nas escolas dos países com línguas de origem latina. Mais sobre este assunto será tratado no subtópico que se segue.

2.1. Projeto “Oferta de escola”

Comunicado no mês de maio de 2015, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho, os Agrupamentos de Escolas/Escolas não agrupadas podem oferecer no Ensino Básico “componentes curriculares complementares”. Entre ela destacamos a disciplina “Oferta de escola”.

A nova disciplina “Oferta de Escola” tem como intuito permitir que os alunos adquiram bases não apenas ao nível da linguagem, mas da tradição e cultura greco-latina.

Acredita-se ser de toda a relevância atrair os mais novos para a aprendizagem das línguas clássicas e da cultura greco-romana, formando-os no conhecimento das bases do pensamento ocidental, explorando ao mesmo tempo as manifestações artísticas, sociais, linguísticas, *etc.* Tal como defendido por Mário Eduardo Viaro, a revitalização do valor que o latim tem seria:

“ótimo meio para aguçar a percepção etimológica das raízes do português (e de outras línguas, como visto acima), o exercício da análise sintática, o raciocínio lógico, a ampliação de vocabulário e a curiosidade para entender outros momentos históricos e o desenvolvimento das sociedades e do pensamento até os dias de hoje.” [Viaro, 1999, p.12]

O Ministério da Educação e Ciência português considerou que:

“A integração, como “Oferta de escola”, de uma componente de *Cultura e Línguas Clássicas* no currículo do Ensino Básico reveste-se, pois, de crucial importância na formação de crianças e jovens, quer pelo **valor intrínseco do conhecimento** que agrega, quer pela função desse conhecimento na **aprendizagem** de valores fundamentais, da **língua portuguesa** e de **outras disciplinas**, sejam elas das áreas de humanidades, científicas, científicas, artísticas e de expressões.” [MEC, 2015]

Como tal, o programa para o ensino de *Cultura e Línguas Clássicas* nos ensinos básico e secundário deverá, preferencialmente, orientar-se segundo duas linhas gerais:

1. De civilização e cultura

- 1.1.** A presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano
- 1.2.** A Mitologia greco-romana
- 1.3.** Deuses e heróis

2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim e grego

- 2.1.** Expressões latinas de uso corrente
- 2.2.** O latim / o grego e o português — etimologias
- 2.3.** A presença da língua grega:
 - Em nomes próprios
 - Em vocábulos do quotidiano
 - Em termos científicos
- 2.4.** A língua latina e a língua grega
 - Referência à estrutura sintática
 - Construção de pequenas frases
 - O alfabeto grego

A concretização deste programa curricular pretende não tanto ensinar as línguas latina e grega, mas sim os valores a elas subjacentes. Tal é entendido nas seguintes palavras do Ministério de Educação e Ciência, quando defende que é preciso:

“(…) fomentar o ensino [do Latim], fazer ressurgir o seu duplo valor, quer o intrínseco ao da língua latina e ao conhecimento civilizacional que lhe está agregado, quer o funcional que se lhe reconhece, sobretudo na aprendizagem de outras línguas, com destaque para a língua portuguesa. O Ministério da Educação e Ciência considerou que deve ser dada atenção especial ao desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes. (...) pretende-se contrariar a desvalorização destas línguas e culturas, fenómeno a que se tem assistido nos últimos anos com o conseqüente empobrecimento cultural do nosso País.” [MEC, 2015]

Esta ideia era já defendida há mais de um século por linguistas e professores de latim e grego em revistas científicas internacionais como em “The Classical Weekly” no artigo *Principles of teaching latin* (1908) por H. May Johnson. A autora procurava consciencializar já o sistema educativo para a necessidade de “o latim ter de provar ser capaz de acompanhar a educação moderna”. O papel do professor entendia-se ter de privilegiar o método indutivo direccionando o ensino de latim à atualidade.

Da mesma maneira, em “The Classical Journal”, no artigo *Modern methods of teaching latin*, de 1963, C.W.E Peckett considerava que:

“descer ao nível de pensamento e definição dos alunos e não confundi-los com termos técnicos ou com dificuldades que são apenas compreendidas em mentes adultas (...) tem sempre de partir do princípio do desconhecido para o conhecido, apresentando exemplos do presente para o passado.”

Em Portugal, a questão da utilidade/inutilidade que envolve a utilidade/inutilidade do ensino das línguas clássicas nos ensinos básico e secundário também mereceu a atenção de autores como Manuel Carneiro, Isaltina Martins, Maria Helena da Rocha Pereira e João Silva Soares. Recordemos as palavras de Manuel Carneiro que, em 1994, apelava a uma reforma do latim no sistema educativo defendendo que:

“Se os objectivos estão mal formulados haja coragem para os rectificar, e conseqüentemente, transformar todo o seu ensino, especialmente no nível secundário e, porventura, no terceiro ciclo do básico, onde o latim teria, sem dúvida, um lugar de grande utilidade integrado nas aulas de português, e,

devidamente, pragmatizado na sua contribuição inestimável para ajudar na passagem das análises globais dos textos para a dos sintagmas, e, finalmente, para a análise dos monemas e dos fonemas.” (Carneiro, 1994, p.253)

2.2. Metodologia e didática

Tendo em conta as razões, motivações e contextos atrás explicitados, a reflexão e ação pedagógico-didática centra-se nos processos de formação do grau superlativo absoluto sintético no latim e no português. Como de facto este pode ser um objeto de amplo debate no que toca aos métodos e estratégias de ensino, pretende-se, com o presente trabalho, ultrapassar uma visão meramente descritiva dos fenómenos através da construção de uma abordagem educativa que ensaie novas perspetivas e paradigmas de análise. Consequentemente, esta problemática passa por justificar a pertinência e necessidade de se ensinar latim no ensino básico, ajudando os alunos no aprofundamento de conhecimentos da língua materna. Pode dizer-se que se tratou de procurar ter uma visão do latim atualizada pelo português e perceber como redirecionar o assunto tradicional aos interesses dos alunos.

Esse trabalho de revitalização do ensino de latim terá de passar, impreterivelmente, pelas metodologias adotadas no processo de ensino-aprendizagem. Tal ideia é sustentada por João Manuel Nunes Torrão, que, lembrando a tradicional rigidez aplicada pelos professores de latim na aprendizagem das declinações e outras componentes da gramática latina, alerta para o facto de não deixar que as novas metodologias desviem o objetivo maior do ensino das línguas clássicas que é o “o aprofundamento de conhecimentos da língua materna”¹. Torrão defende ainda que a motivação que passa por jogos não pode ser a principal preocupação do professor. Segundo este autor, a adaptação de conteúdos a atividades lúdicas “tem levado a que a motivação seja, muitas vezes, considerada quase como um objeto e não como um simples meio de trabalho”².

A tarefa de preparação das aulas com o intuito de serem interessantes e motivantes para o aluno deve partir dos conhecimentos empíricos da turma que levam o professor a “descobrir as suas motivações e os seus centros de interesse para, deste modo, poder ir ao seu encontro nas nossas [dos professores] estratégias.”³

¹ Texto publicado no II Colóquio Clássico — Actas pp. 175-187. Universidade de Aveiro, 1997.

² Idem

³ Idem

O princípio basilar deste método de trabalho tem de compreender não só a substituição do conhecimento sistémico para o conhecimento esquemático, como deve ter em consideração, também, o conhecimento prévio do aluno.

Sobre este assunto, Moita Lopes (1996) defende que a melhor maneira de o aluno assimilar certa matéria seria explorar o título e as ilustrações que acompanham o texto. Em seguida, seria importante familiarizar o aluno com os marcadores do discurso que o ajudarão a perceber que tipo de texto está a trabalhar. A partir daí, supõe-se que o aluno seja capaz de identificar a narração, a descrição, a argumentação ou o diálogo, e perceber a leitura como ato social.

Isaltina Martins, uma das autoras do programa da disciplina de Latim, afirma que, no contexto da disciplina “Oferta de escola”, o objetivo passa por sensibilizar as crianças do ensino básico para, “através de actividades relacionadas, por exemplo, com a mitologia, os deuses, os heróis, as expressões latinas de uso corrente e até mesmo a gastronomia”⁴, se comprove a utilidade de se estudar as nossas origens.

Na verdade, o desenvolvimentos destes temas pode não apenas ajudar a compreender a nossa cultura, formando cidadãos que se valham dos valores greco-romanos, como também podem capacitar os alunos a uma maior compreensão do “significado da maior parte do vocabulário e da gramática portuguesas.”⁵

⁴ Notícia “*Não se pretende pôr as crianças a falar latim e grego*”, esclarecem professores de Graça Barbosa Ribeiro publicada no jornal Público a 05/06/2015, disponível em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/apoio-do-mec-a-divulgacao-cultura-classica-e-a-novidade-no-proximo-ano-lectivo-1698088>.

⁵ Idem

PARTE III – A prática de ensino supervisionada e análise de dados

1. Caracterização da escola

A Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas recebeu, no ano letivo de 2014/2015, o núcleo de estágio de português e latim da Faculdade de Letras do Porto. O estágio pedagógico realizou-se durante cerca de oito meses, culminando com o presente relatório de estágio de modo a atingir o grau de mestre em Ensino do Português e Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário.

Enquanto decorreu a prática profissional confrontamo-nos com a realidade no que toca a toda a planificação, rigor e preparação que a profissão de professor exige. Todavia, importa salientar que tanto a administração como colegas e funcionários nos receberam de forma amável, mostrando-se prestáveis em todas as ocasiões em que precisamos de acompanhamento.

O espaço escolar evidencia o modelo altruísta que rege toda a instituição. Releve-se o facto de a escola trabalhar em conjunto com a Associação de Apoio e Informação a Cegos e Amblíopes, isto é, de fazer parte da rede de escolas de referência para a educação de alunos cegos e de baixa visão no país. A instituição possui um gabinete reservado à educação especial de que faz parte um grupo de professores especializados com acesso a materiais e instrumentos que permitem fornecer todas as condições a estes alunos.

Outro motivo que faz com que a EBSRF seja um órgão educacional de referência é oferecer à comunidade escolar um vasto conjunto de atividades, promovendo diferentes momentos de formação e informação de assuntos relativos tanto à escola como a disciplinas específicas, facultando também oportunidade aos alunos de conhecerem novos autores e obras.

Pioneira do clube *Pari Passu* a nível nacional, a escola valoriza a aprendizagem da cultura clássica, pondo-a ao alcance de alunos a partir dos doze anos.

2. Projeto *Pari Passu*

Nascido com o intuito de incutir nos alunos o gosto pelas línguas e cultura greco-latinas, o projeto *Pari Passu* foi pioneiro no país graças ao empenho dos professores Alexandra Azevedo e Jorge Moranguinho na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas.

Em entrevista ao blog *De Rerum Natura*, em 2012⁶, Alexandra Azevedo defendeu que o projeto pretende “contribuir para [que] se ultrapassem dificuldades que o afastamento do estudo das línguas e da cultura clássica poderá ter trazido aos nossos alunos”. As principais consequências do abandono progressivo deste tipo de disciplinas em contexto escolar tornam-se evidentes nas “dificuldades na fluência de leitura e prosódia, na análise textual, no domínio vocabular, no raciocínio lógico, na expressão escrita e oral” dos alunos. A Dr.^a Alexandra apela para que as escolas sejam capazes de adaptar o projeto *Pari Passu* aos seus alunos. Esse trabalho poderá ser feito através de uma reorganização estrutural de horários, atendendo aos recursos e modelos educativos que cada instituição adota.

Os moldes em que se rege o *Pari Passu* aconselham que seja aplicado a alunos do 2.º ciclo “por se enquadrar perfeitamente nos objetivos do que foi legislado para a oferta complementar de escola”. Contudo, Alexandra Azevedo não descarta a hipótese de estender o programa aos alunos do 1.º e 3.º ciclo de acordo com o sucesso do trabalho desenvolvido com as crianças dos 10 aos 12 anos.

O programa do projeto construído pela Dr.^a Alexandra Azevedo e pelo Dr. Jorge Moranguinho, ambos docentes na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, desenvolve os temas “Educar para o conhecimento”, em que se abordam o contexto histórico e alguns temas clássicos; “Educar para os valores”, em que se tratam dos assuntos da convivência cidadã; e “Educar para a competência linguística”, pretendendo valorizar a língua latina, os elementos compositivos da língua grega e os domínios da língua materna. O programa completo está representado no quadro seguinte:

⁶ Entrevista publicada no blog *De Rerum Natura* a 8 de julho de 2012 por Helena Damião, disponível em <http://dererummundi.blogspot.pt/2012/07/pari-passu.html>

Referências civilizacionais clássicas	Educar para o conhecimento		Educar para os valores	Educar para a competência linguística	
	Contextualização histórica	Temas clássicos	Convivência cidadã	Língua latina / elementos compositivos de língua grega	Domínios da língua materna
	*A Lusitânia *A romanização na Hispânia; *Origem das línguas novilatinas	Aspetos culturais da vida quotidiana romana: - nascimento/ritos -vestuário -rotina diária -profissões -a educação -atividades lúdicas - a religião Mitos e lendas - a fundação de Roma: de Eneias a Rómulo e Remo, - principais divindades gregas e romanas, - Mito de Pandora, Teseu, Narciso, Dédalos e Ícaro - Aquiles e Ulisses -Hércules	*mos maiorum * <i>virtus, pietas e a fides</i> * <i>devotio</i> * <i>religio</i> * <i>kallos kai agathos</i> * <i>otium /negotium</i> *respeito pelos mais velhos; *dever de hospitalidade	* Pragmática conversacional * Raízes etimológicas * Aspectos de morfologia - noção de caso /função sintática - noção de número -noção de género -declinação nominal (1ª e 2ª) -1ª classe dos adjetivos -noção de concordância -preposições (a, ab, ad, e, ex, in, sub, super, circum...); e regências - prefixos e sufixos -conjunções coordenativas -conjunções subordinativas temporais e causais - o verbo (modo indicativo e imperativo), -radical, desinência, e característica -advérbios e pronomes interrogativos	1. Leitura -ler textos variados com precisão e expressividade - ler para entretenimento, concretização de tarefas, recolha e organização de informação, construção de conhecimento e fruição estética -fazer apreciações pessoais de textos de diferentes tipos e géneros 2. Escrita - escrever em termos pessoais, criativos e em resposta a diferentes propostas de trabalho -produzir enunciados coerentes e coesos em português padrão 3. Oralidade - produzir discursos orais coerentes em português padrão, com vocabulário adequado e estruturas gramaticais de alguma complexidade - saber escutar para reter informação essencial - interpretar a informação ouvida 4. Conhecimento explícito da língua - descobrir regularidades linguísticas, - alargar o vocabulário, reconhecendo matrizes etimológicas, - mobilizar conhecimentos morfosintáticos para aperfeiçoar desempenhos linguísticos.

Quadro I – Programa *Pari Passu*, 2012

De entre os vários pontos referidos pelos autores, convém mencionar o tratamento, ainda que leve, dos adjetivos. Prevê-se, numa fase mais avançada, a referência à 1.ª classe dos adjetivos. Parte-se do princípio de que os alunos poderão usufruir desses conhecimentos anos depois, caso optem pela disciplina de Latim. A partir desses saberes, poderá garantir-se que os alunos serão capazes de apreender melhor as outras classes de adjetivos.

O programa *Pari Passu* oferece também às comunidades escolares interessadas sugestões de abordagens didáticas no momento de lecionação de alguns conteúdos programáticos. Entre elas, os autores Alexandra Azevedo e Jorge Moranguinho, destacam atividades e estratégias que intercalam os vários domínios. Algumas encontram-se esquematizadas no quadro que se segue:

Referências culturais	Atividades e estratégias	
Mitos e lendas (Grécia e Roma) - a fundação de Roma: de Eneias a Rómulo e Remo, - principais divindades gregas e romanas, - Mito de Pandora, Teseu, Narciso, Dédalo e Ícaro, Aracné - Aquiles e Ulisses (aventuras) -Os trabalhos de Hércules	Leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do conto • Leitura expressiva • Leitura silenciosa • Tradução de pequenos textos em latim.
	Oralidade	<ul style="list-style-type: none"> • Experiências de dramatização • Exercitação da compreensão e expressão em língua materna: o reconto, a exposição.... • Desenvolvimento de pequenas experiências de comunicação em latim – diálogo.
	Escrita	<ul style="list-style-type: none"> • oficina de escrita em língua materna • tradução de pequenos textos de latim para português • redação de pequenas frases em latim
	Conhecimento Gramatical	<ul style="list-style-type: none"> • reconhecimento de estruturas morfosintáticas - exercícios

Quadro II – Sugestões de abordagens didáticas do programa *Pari Passu*, 2012

Analisado o programa do projeto *Pari Passu*, considere-se, agora, o programa de Latim A para o 10.º ano, homologado em julho de 2015. No quadro seguinte apresenta-se a proposta de gestão do programa para o primeiro período:

TEMAS	FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA	TEXTOS/ MATERIAIS	TEMPO
UNIDADE 0 — Introdução - a presença e a influência da cultura greco-latina na arte e na língua portuguesas - a influência na literatura portuguesa - primeiro contacto com a língua latina através de frases e expressões de uso corrente	— Reflexão sobre a língua portuguesa - estruturação da frase simples e da frase complexa - noção de: - sujeito - predicado - predicativo do sujeito - compl. directo e indirecto - complemento determinativo - complementos circunstanciais - coordenação e subordinação - frase activa / frase passiva - outras noções - classes de palavras - palavras variáveis e invariáveis - questões de etimologia	- gravuras - monumentos - esculturas - inscrições - textos de escritores portugueses contemporâneos - textos de imprensa etc.	cerca de 2 semanas
UNIDADE 1 — Mitos e lendas greco-latinas	— Fonética e prosódia: - alfabeto - pronúncia - quantidade vocálica, quantidade silábica, acentuação — Do texto à frase — da frase à palavra - frase simples / frase complexa - tipos de frase - constituintes fundamentais da frase - casos e funções sintácticas - os compl. circunstanciais: - de lugar e de companhia - orações coordenadas - classes de palavras - o nome: temas em -a e em -o - o adjetivo: 1ª classe - o verbo - infinitivo presente - modo indicativo — presente e pretérito imperfeito - modo imperativo — verbo <i>esse</i> — verbos temáticos (as 4 conjugações) - conjunções coordenativas - preposições - advérbios - interjeições — Léxico : exploração continuada do vocabulário corrente e relação constante com o português — História da língua latina: inserção no ramo indo-europeu; do latim às línguas românicas.	— textos de autor com tradução ou adaptados — textos construídos — sentenças — frases célebres — provérbios — inscrições	cerca de 8 semanas

Quadro III – Parte do programa de Latim 10.º ano, 2015

Quando comparados os dois programas, consegue-se notar que são muitas as coincidências. Embora mais extenso, o programa da disciplina de Latim destinado basicamente para o primeiro período escolar, mostra-se em muito parecido com o programa idealizado do projeto *Pari Passu*.

O projeto que motiva os alunos para os estudos clássicos acaba por ser uma preparação para o estudo do latim numa fase posterior. Ambos abordam temas como as noções de caso/funções sintáticas, dão importância à aprendizagem dos mitos e dos ritos pertencentes à cultura ocidental e privilegiam o enriquecimento do vocabulário. Deste modo, supõe-se que os alunos que em anos anteriores frequentaram o clube disponham já de conhecimentos úteis sobre a língua e a cultura latina.

Importa salientar, atendendo ao conteúdo deste relatório de estágio, que o conteúdo da 1.^a classe dos adjetivos é já abordado com os alunos do 2.^o ciclo, potencializando já uma melhor compreensão da forma como se irão flexionar os adjetivos latinos.

Esta análise comparativa pretende corroborar como ambos os programas têm uma intenção claramente motivadora dos estudos latinos. É de realçar, igualmente, que ambos os documentos referem algumas sugestões metodológicas que podem ser desenvolvidas pelo professor.

3. Caracterização das turmas

A iniciação à prática profissional decorreu no ano letivo 2014/2015 ao longo de oito meses na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, em Cedofeita, Porto. Durante este período foi possível trabalhar com quatro turmas de ciclo de estudo diferentes, nomeadamente de 7.º, 8.º e 10.º^{os} anos de Português e de 10.º ano de Latim.

Tanto as aulas assistidas como todo o trabalho realizado com as turmas de Português estiveram sob a orientação da Dr.^a Isabel Costa, enquanto a orientação do mesmo trabalho na disciplina de Latim esteve ao encargo do Dr. Jorge Moranguinho.

No entanto, é importante referir que apenas se teve a oportunidade de trabalhar o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos com as duas turmas do 10.º ano. O motivo que impediu a lecionação deste conteúdo morfológico nas restantes turmas foi, sobretudo, a questão do plano anual para a disciplina de Português no 8.º e 7.º anos ser restrita a novos conteúdos.

De modo a obter uma contextualização da taxa de sucesso de ambas as turmas de 10.º ano, seguem-se abaixo, as suas caracterizações. Esta análise dos contextos sociais, educativos e comportamentais permitiram ajustes no momento da observação comparativa dos resultados.

A turma de 10.º A, de Português, pertence ao Curso de Ciências e Tecnologias e a turma de 10.º E ao Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades.

Com efeito, a turma de Português, 10.ºA, continha vinte e oito alunos, em que a média etária era de quinze anos. A turma caracterizava-se, a nível de aproveitamento, homogénea e o seu comportamento em geral era ativo e dinâmico. Esse fator, apesar de trazer vitalidade às aulas, nunca condicionou o seu plano. No panorama geral da escola, esta turma de 10.º era considerada, no que toca a notas, bastante boa.

Já a turma de 10.º E, de Latim, era composta por quinze alunos, também maioritariamente de quinze anos. Ao contrário da turma de Português e de acordo com as evidências empíricas, em termos de conhecimentos e interesse pela disciplina, considerava-se heterogénea. A turma era igualmente caracterizada por conter alguns elementos perturbadores do normal funcionamento da aula, na medida em que apresentam uma postura de total desinteresse não só pela disciplina mas também pela escola. Tratava-se de uma turma bastante apática que apresentava resultados negativos na grande maioria das disciplinas que frequentavam.

Relembre-se que a Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas inseria em todas as turmas alunos com necessidades educativas especiais. Embora se reconheça que esses alunos exigiam melhor preparação dos materiais utilizados na sala de aula e maior atenção, de um modo geral, estavam bem incluídos nas turmas não apresentando quaisquer limitações cognitivas.

Conclui-se, portanto, que o *corpus* desta pesquisa é constituído pelas duas turmas do 10.º ano de escolaridade.

4. Instrumento para a recolha e análise de dados

A fim de dar resposta aos objetivos definidos neste estudo, os alunos das turmas de 10.º ano foram inquiridos através de três fichas gramaticais. Ao mesmo tempo, foi constituído um *corpus* de planificações e reflexões críticas, em que se foram documentando os processos utilizados de modo a alcançar os objetivos.

Para recolher dados sobre o modo como os alunos formam o grau superlativo absoluto sintético dos objetivos optou-se pela técnica das fichas gramaticais em jeito de questionário por ser mais válida e fiável, apesar das amostras serem pequenas. Este método permite colocar um conjunto de questões a que cada sujeito responde anonimamente, fazendo com que o aluno não se sinta, deste modo, influenciado pelo investigador.

As fichas foram aplicadas durante os blocos de aulas atribuídos durante a prática pedagógica. Dos alunos se obteve previamente autorização para utilizar os dados obtidos. De referir que no momento da aplicação deste instrumento de recolha de dados não foram dadas explicações sobre o objetivo do estudo para reduzir eventuais condicionamentos.

5. A aplicação de fichas gramaticais nas aulas

No sentido de chamar a atenção para o papel que o latim desempenha num maior domínio, aprendizagem e reflexão da língua portuguesa, foi lembrado quer nas aulas quer de Latim como de Português, o conteúdo gramatical da flexão dos adjetivos no grau superlativo.

De modo a resolver os problemas decorrentes de este conteúdo ser tratado apenas no 4.^a ano de escolaridade, ao longo dos oito meses em que se concretizou o estágio pedagógico, as aulas foram planificadas tendo em vista retificar os conhecimentos pressupostos dos alunos. O maior objetivo era eliminar a ideia de que todos os adjetivos constroem o grau superlativo absoluto sintético acrescentando o sufixo *-íssimo* ao seu radical.

A estratégia metodológica utilizada na sala de aula baseou-se na entrega de fichas e questionários sobre o grau superlativo dos adjetivos, atendendo às especificações propostas por Inês Duarte, Joaquim Fonseca e Fernanda Irene Fonseca. Estes autores de várias obras sobre a metodologia do ensino do português advogam a pertinência de a gramática ser ensinada a partir do conhecimento intuitivo da língua para a sistematização dos princípios e regras do funcionamento da mesma.

Como tal, num primeiro momento procedeu-se à entrega de uma ficha, a qual se chamará Ficha 1⁷, em que os alunos tiveram de preencher a forma do grau superlativo absoluto sintético de uma lista de adjetivos, partindo dos conhecimentos que tinham e intuição. Com a turma de 10.º ano de Latim foi possível realizar o mesmo exercício depois da devida explicação teórico-prática sobre este conteúdo.

De modo a enfatizar a evidente importância do latim na correta apreensão gramatical que é a flexão dos adjetivos no grau superlativo absoluto sintético, realizaram-se mais duas fichas.

A Ficha 2⁸ continha exercícios de escolha múltipla e de inversão do grau dos adjetivos, partindo da forma superlativa na identificação do seu grau positivo ou normal.

No mesmo sentido foi elaborada uma terceira ficha, Ficha 3⁹, contextualizando o grau superlativo dos adjetivos em excertos de algumas obras de literatura que os alunos de 10.º ano se familiarizarão nos dois anos seguintes. Segundo o Plano Nacional de Leitura para o ensino secundário, os alunos terão contacto com autores como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano. Assim, foram retirados excertos de obras como *Os Maias*, *Memórias de um e Lendas e Narrativas*, dos anteriores autores, respetivamente.

A análise das fichas, observações, comentários e conclusões podem ser lidas nos subtópicos seguintes.

⁷ Ver anexo 1, página 80

⁸ Ver anexo 2, página 81

⁹ Ver anexo 3, página 83

5.1. Ficha 1

5.1.1. Pré-teste

No início do ano, como havia já intenção de trabalhar a formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos nas aulas, procedeu-se a um teste diagnóstico aos alunos de 10.ºs anos. Tal oportunidade não foi conseguida com a turma de 8.º e 7.º anos, pois, de acordo com as Metas Curriculares de Português e o progresso das turmas, não foi possível direcionar o plano das aulas para tratar esta temática.

Num primeiro momento, o objetivo passou por avaliar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre o conteúdo e verificar quais as principais dificuldades que demonstravam na realização da tarefa.

De modo a sistematizar estas primeiras impressões, procedeu-se à realização de uma ficha com exercícios de completamento, em que os alunos teriam de ser capazes de formar o grau superlativo absoluto sintético de uma lista de adjetivos no seu grau normal.

O número de alunos participantes na turma de Português foi de vinte e sete e na turma de Latim, treze.

Em seguida serão apresentados os resultados obtidos por ambas as turmas, numa fase de diagnose, fazendo-se a distinção entre a forma superlativa dos adjetivos por via popular e por via erudita. Convém admitir que as formas por via erudita são as que mais interessam neste estudo, pois provêm da base da língua portuguesa, o latim, e não de regras *a posteriori* aceites pela frequência do uso dessa forma pelos falantes. Adverte-se que os resultados foram analisados não considerando os erros ortográficos.

Atente-se aos seguintes gráficos que traduzem as respostas corretas das duas turmas à Ficha 1. O primeiro gráfico apresenta as formas por via erudita, o segundo, por via popular:

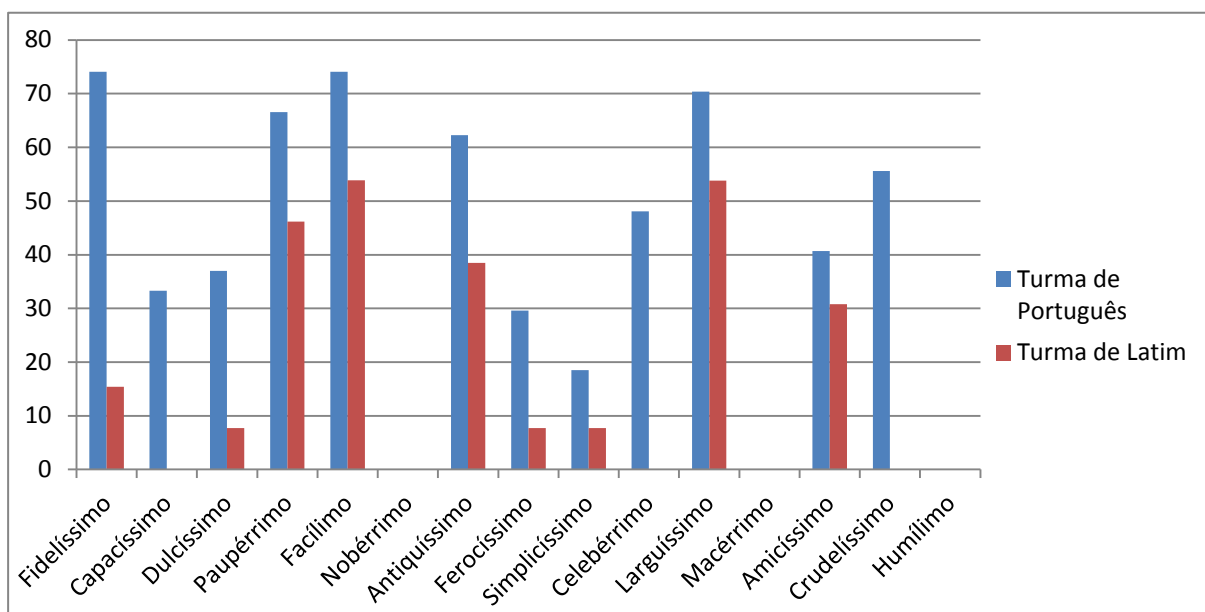


Gráfico I – Resultados, em pontos percentuais, das respostas corretas dos alunos – por via erudita

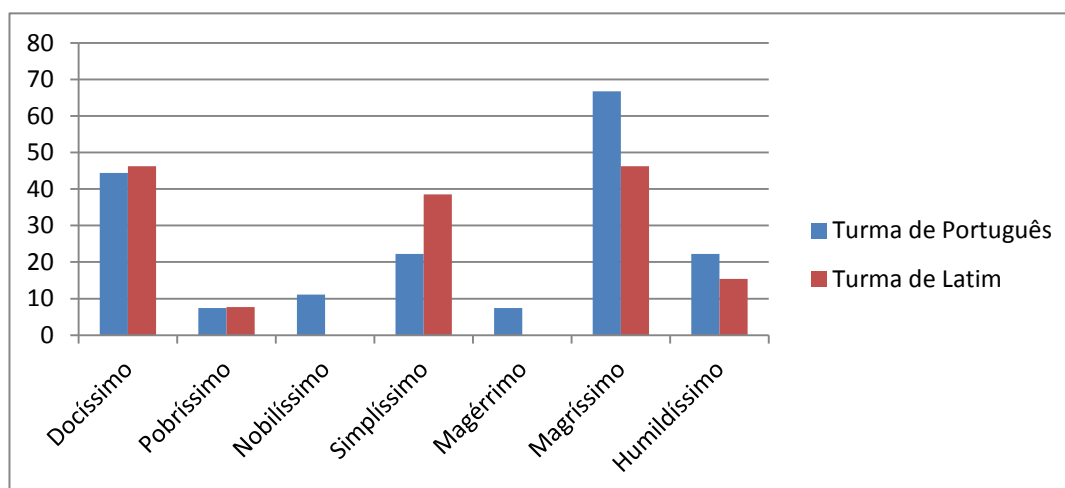


Gráfico II – Resultados, em pontos percentuais, das respostas corretas dos alunos – por via popular

A partir dos dados facultados, confirma-se que a turma de Português obteve melhores resultados na tarefa quando comparada com a turma de Latim.

Note-se ainda que a escolha pela forma popular foi predominante, excetuando, curiosamente, a forma *paupérrimo* e não *pobríssimo*. A razão pela qual se suspeita deste fenómeno, é precisamente a importância e referência que se faz ao grau superlativo absoluto sintético de *pobre*, por ser “especial” e considerado até “irregular”. Talvez os alunos tenham fixado este exemplo na memória em referências em anos anteriores e daí estes consequentes resultados. Diz-se isto, porque, em casos de formação semelhante, como por exemplo,

macérrimo e *celebérrimo*, tal processo de formação do grau superlativo do adjetivos não ocorre.

Na análise de dados efetuada, foi ainda possível aferir como este conteúdo provoca grande confusão nos alunos pois, em certos casos, o número de hipóteses levantadas para o exercício ultrapassava em muito o expectável. Veja-se o gráfico seguinte que espelha as hipóteses propostas pelos alunos na formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos *pobre*, *simples*, *célebre* e *amigo*:

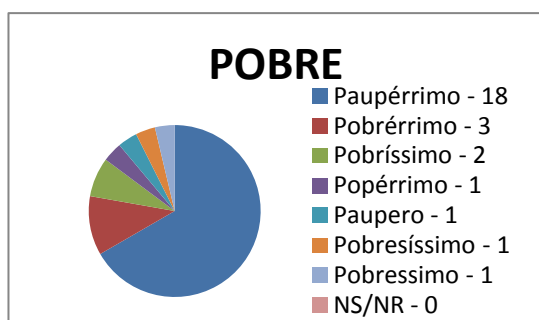


Gráfico III – Turma de Português - pobre

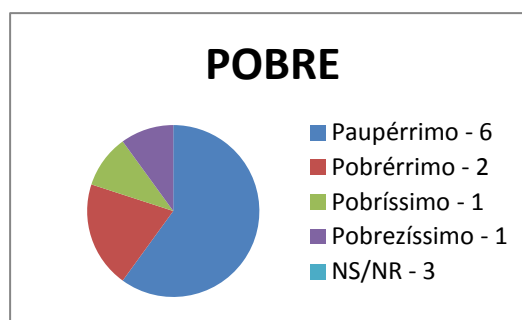


Gráfico IV – Turma de Latim – pobre

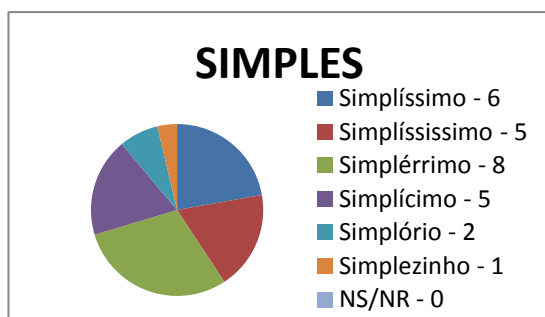


Gráfico V – Turma de Português - simples

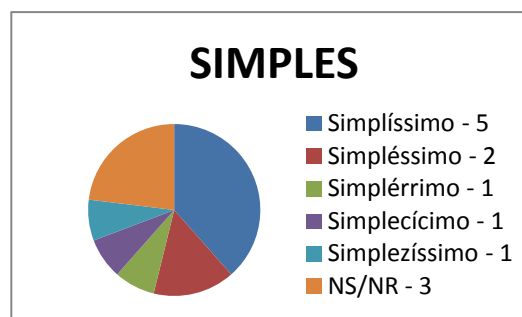


Gráfico VI – Turma de Latim – simples

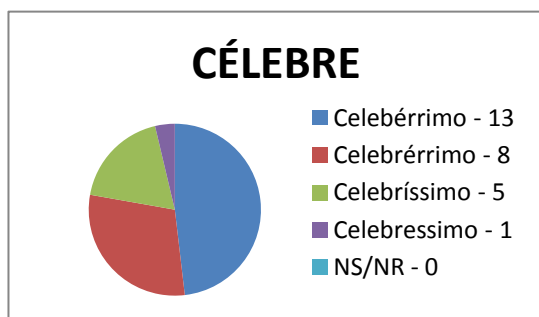


Gráfico VII – Turma de Português - célebre

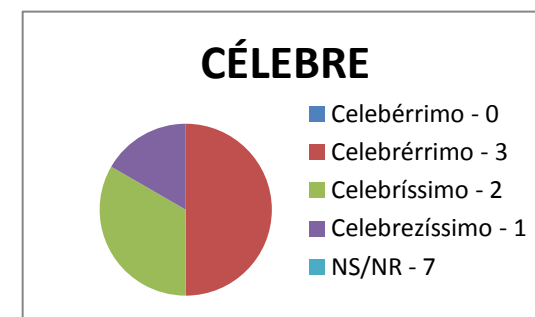


Gráfico VIII – Turma de Latim - célebre

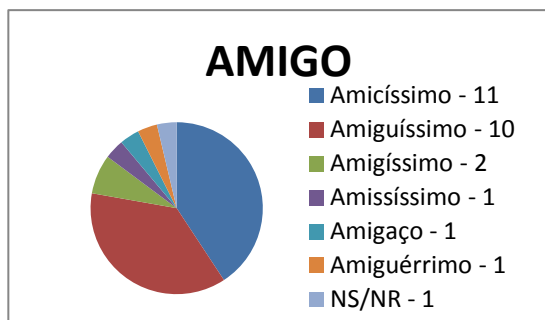


Gráfico IX – Turma de Português – amigo

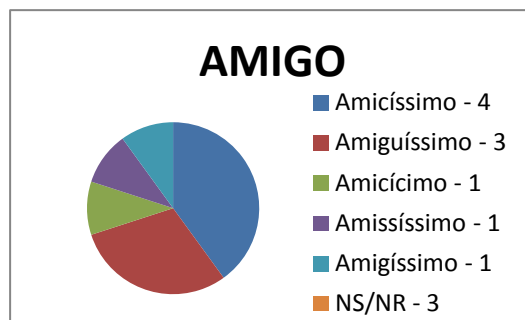


Gráfico X – Turma de Latim - amigo

Como se pode verificar, num primeiro contacto com a ficha, sem qualquer preparação e conhecimentos úteis, os alunos mostram-se um tanto confusos em resolver o exercício proposto. Conclui-se, também, com um olhar mais atento que, aparentemente, muitas das hipóteses formuladas advém de falhas da escrita, repetindo soluções embora com grafias diferentes.

5.1.2. Pós-teste

Com o propósito de justificar a importância e influência do latim na formação do grau superlativo absoluto dos adjetivos, após a explicação teórica deste processo entregou-se novamente ficha com exercícios de completamento aos alunos da turma de Latim. Com eles foi possível proceder a este pós-teste, uma vez que o programa para a disciplina assim permitia e exigia. Exercício semelhante, não foi possível executar na turma de Português, em que apenas se procedeu à correção da ficha em turma, explicando de forma sucinta e superficial o processo de formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos que constavam na ficha.

O número de alunos participantes na turma de Latim foi novamente treze. Atente-se, uma vez mais, que os resultados foram analisados não tendo em conta as incorreções ortográficas dos alunos. Deste modo, os resultados da turma de Latim após a aquisição dos conhecimentos sobre a matéria encontram-se abaixo. O primeiro gráfico retrata os resultados corretos obtidos por via erudita, por sua vez, o segundo gráfico representa os dados corretos resultantes por via popular:

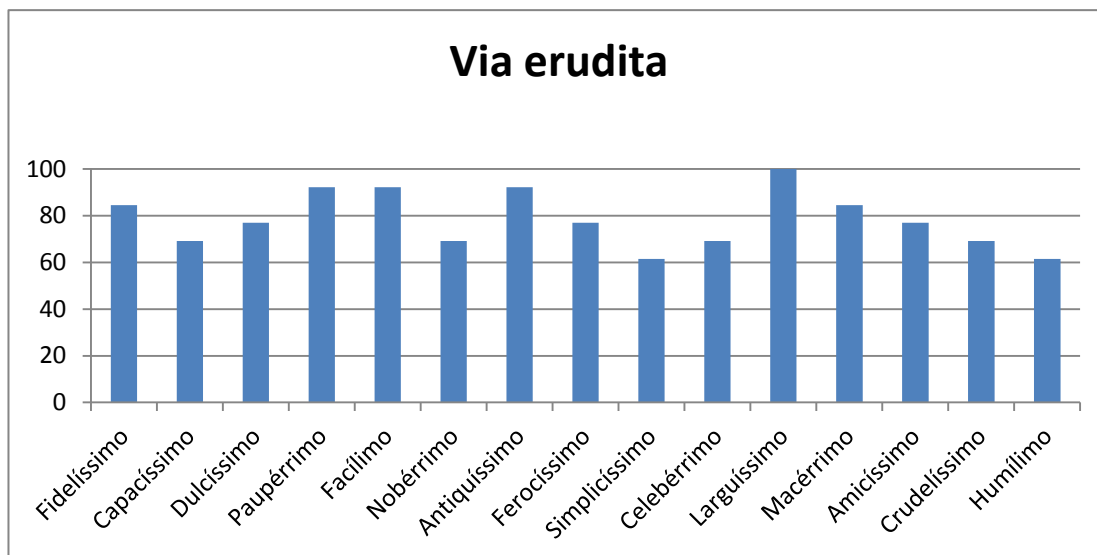


Gráfico XI – Resultados do pós-teste aos alunos da turma de Latim em pontos percentuais – via erudita

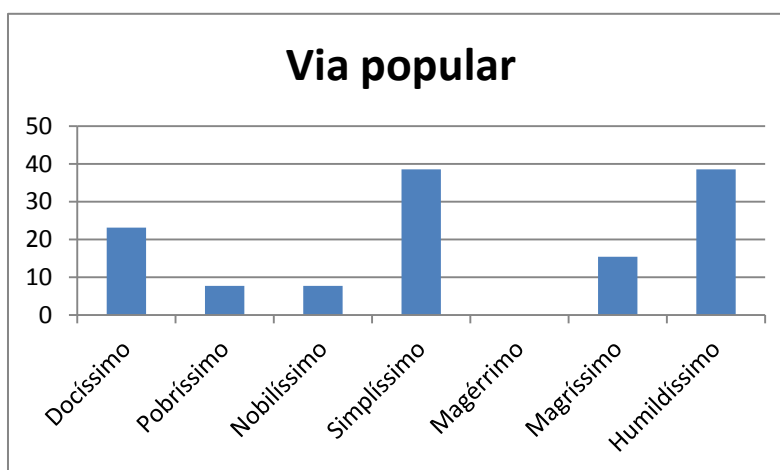


Gráfico XII – Resultados do pós-teste aos alunos da turma de Latim em pontos percentuais – via erudita

Partindo dos gráficos apresentados é possível verificar como o número de respostas corretas foi substancialmente superior quando comparados com aqueles obtidos sem conhecimentos úteis na elaboração dos exercícios. O recurso ao uso da forma generalizada – *íssimo* para determinar o grau superlativo absoluto dos adjetivos foi muito inferior. O gráfico seguinte retrata de maneira mais direta, objetiva e visual resultados corretos conseguidos pela turma de Latim no pré-teste e no pós-teste:

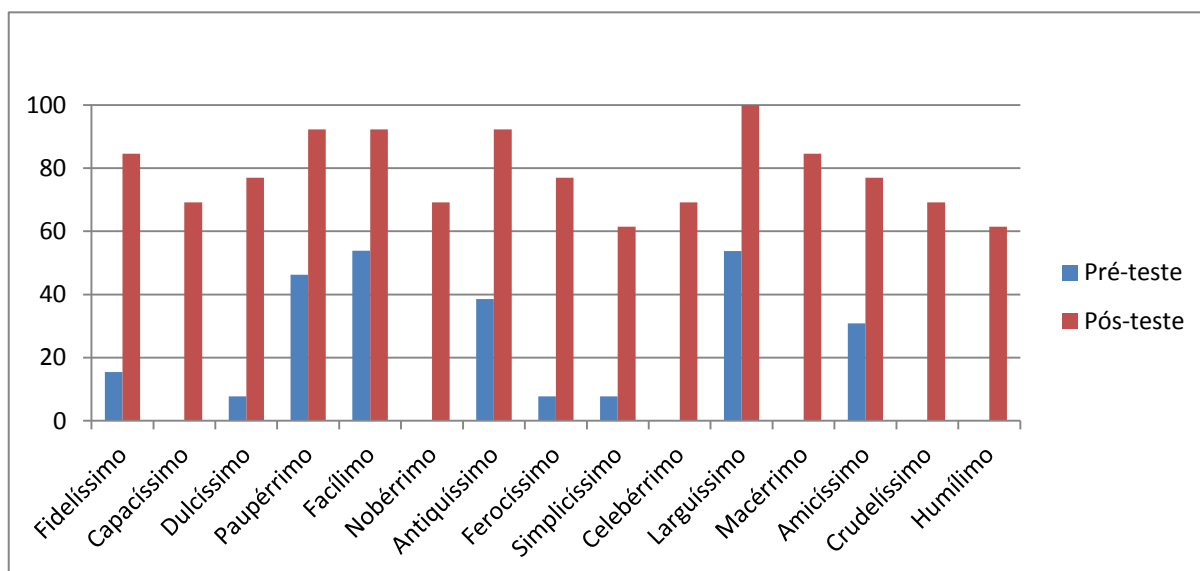


Gráfico XIII – Resultados dos alunos de Latim no pré e pós-teste, em pontos percentuais

Para além disso, o número de hipóteses para solucionar a ficha limitou-se à forma erudita, aprendida e estudada na sala de aula e aquela que consideram ser variação dos adjetivos por via erudita. Tal pode constar-se nos seguintes gráficos que colocam em comparação as hipóteses formuladas pelos alunos de Latim no pré-teste e no pós-teste:

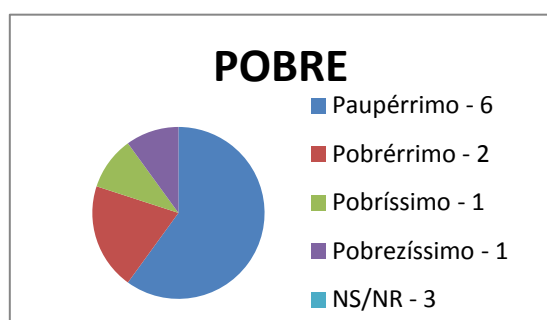


Gráfico XIV – Hipóteses pré-teste - pobre

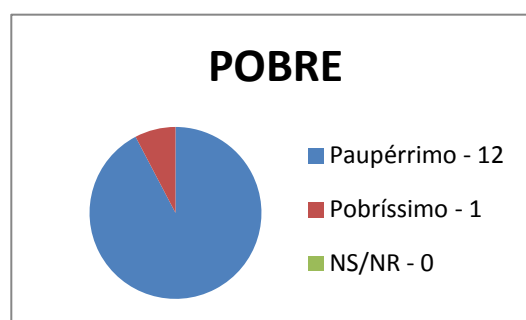


Gráfico XV – Hipóteses pós-teste - pobre

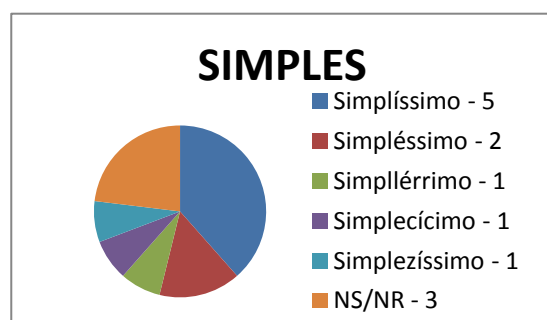


Gráfico XVI – Hipóteses pré-teste - simples

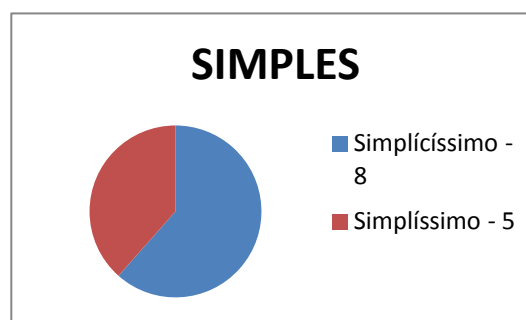


Gráfico XVII – Hipóteses pós-teste - simples

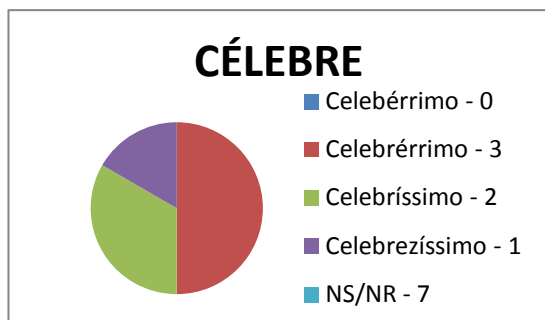


Gráfico XVIII – Hipótese pré-teste – célebre

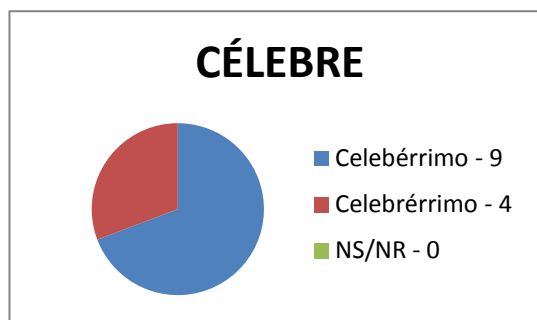


Gráfico XIX – Hipótese pós-teste – célebre

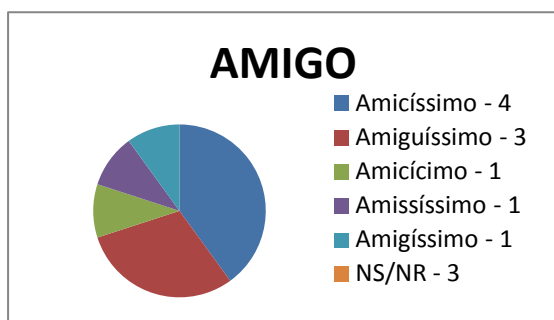


Gráfico XX – Hipóteses pré-teste – amigo

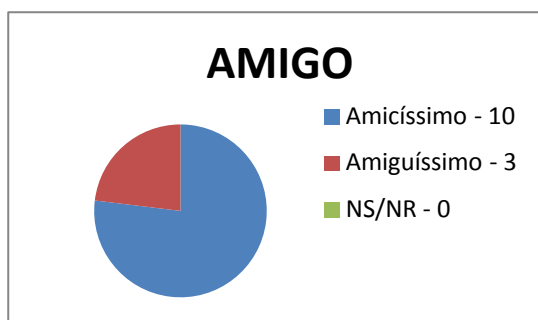


Gráfico XXI – Hipóteses pós-teste - amigo

Com o recurso aos gráficos é facilmente verificável a aptidão que os alunos ganharam para concluir com sucesso a ficha, não evidenciando um número excessivo de soluções para o exercício proposto, como anteriormente. Verifica-se, de igual modo, que o número de alunos que não souberam ou não responderam (NS/NR) aos enunciados no pós-teste foi nulo.

A reflexão sobre o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos e a sua explicação contribuíram também para que os alunos não dessem mais erros ortográficos na resolução da ficha num segundo momento.

Uma vez comparados os resultados de pré-teste e pós-teste na turma de Latim, considera-se fundamental posicionar esses resultados em comparação com aqueles obtidos pela turma de Português.

O gráfico abaixo coloca esses três dados num plano comparativo: a ficha entregue aos alunos de Português, o pré-teste e o pós-teste resolvidos pelos alunos de Latim. Recorde-se que a ficha foi igual para as duas turmas. Aqui utiliza-se nomenclatura diferente para a turma de Português, que não “pré-teste”, pois não foi realizado um pós-teste com essa turma.

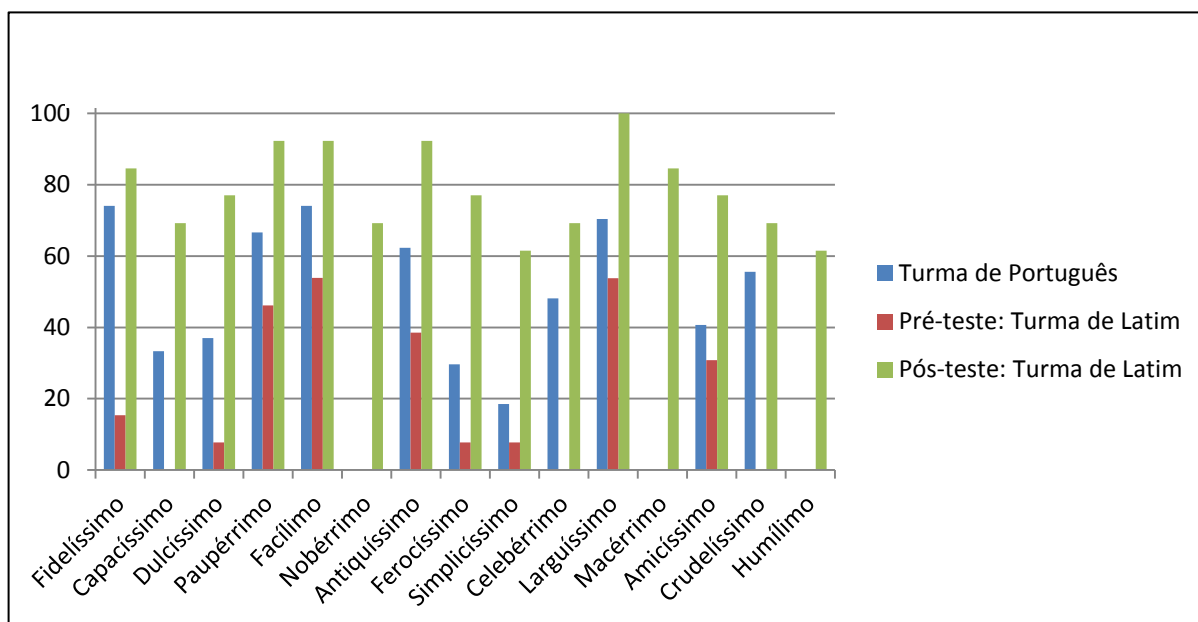


Gráfico XXII – Resultados obtidos pelas duas turmas em pontos percentuais

Os resultados finais confirmam como os dados resultantes após o ensinamento devido da formação do grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos facilita na realização dos exercícios propostos na primeira ficha. Quer com isto dizer-se que, apesar da turma de 10.º de Português ter conseguido alcançar a forma superlativa desejada de alguns dos adjetivos propostos, a verdade é que no seguimento da explicação teórica deste conteúdo gramatical a turma de 10.º ano de Latim alcançou muito mais eficazmente os resultados pretendidos.

Embora se tenha privilegiado a variação do grau do adjetivo por via erudita, o facto dos alunos de Latim conhecerem o adjetivo latino e os processos de formação do seu grau no superlativo contribuiu para que pudessem completar o exercício de modo correto.

5.2. Ficha 2

Ao longo das aulas de Latim foi possível trabalhar com mais detalhe os graus dos adjetivos. Por isso, numa primeira abordagem mais aprofundada de como formar o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos procedeu-se à resolução de outra ficha com tipos de exercícios diferentes.

Esta segunda ficha continha exercícios de preenchimento da forma superlativa absoluta sintética de três adjetivos, de escolha múltipla, de transformação de algumas expressões por adjetivos e de identificação do grau normal de alguns adjetivos no grau superlativo absoluto sintético.

Devido à disponibilidade da professora orientadora de Português, Isabel Costa, foi possível realizar a ficha também com a turma de 10.º ano dessa disciplina. O número de alunos participantes na ficha pela turma de Português foi de vinte e quatro e pela turma de Latim foram doze.

Os dados apresentados abaixo dividem a ficha nos cinco diferentes grupos que a constituíam e consideram apenas os resultados corretos obtidos por ambas as turmas.

O seguinte gráfico representa as respostas corretas dadas à questão “*Indica o grau superlativo absoluto sintético dos adjetivos “feliz”, “livre” e “difícil”*”.

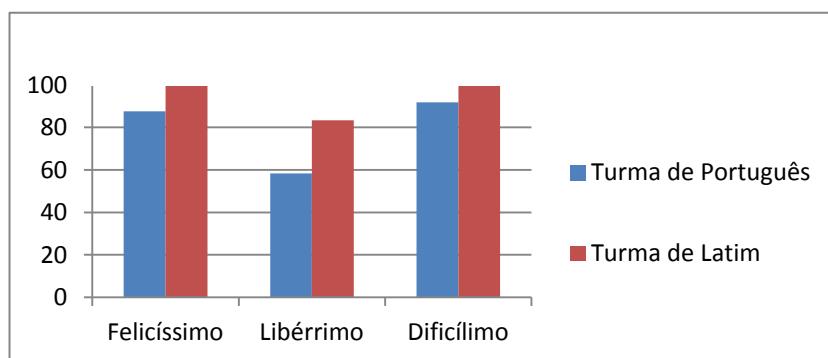


Gráfico XXIII – Percentagem das respostas corretas dadas pelos alunos de Latim e Português ao grupo I

Pelos resultados verifica-se que embora a turma de Latim tenha obtido melhores resultados, não foi tão superior como se pensaria. A maior diferença encontrou-se na formação do grau superlativo absoluto sintético de *livre*, ao que os alunos de Latim foram consideravelmente mais eficazes em responder corretamente do que os da turma de Português.

O segundo exercício pedia que os alunos assinalassem a opção correta das formas superlativas absolutas sintéticas de *comum*, *acre*, *soberbo* e *fiel*. O gráfico seguinte representa os resultados corretos obtidos por ambas as turmas. Considere-se a alínea b) correta – *comuníssimo*, *acérrimo*, *superbíssimo* e *fidelíssimo*.

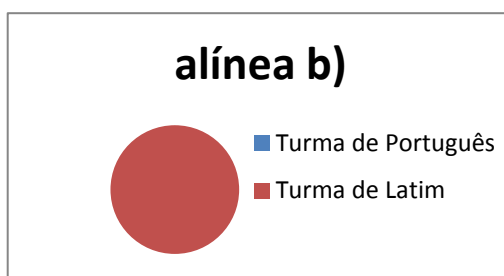


Gráfico XXIV – Respostas corretas dos alunos de Português e Latim ao grupo II

Como se pode verificar, a totalidade de alunos turma de Latim foi capaz de responder corretamente à questão, enquanto o número de alunos de Português que respondeu acertadamente foi zero. Torna-se importante revelar que a opção que obteve a percentagem total de respostas da turma de Português foi a alínea c) – *comunérrimo*, *acrérrimo*, *sobérrimo*, *fidelíssimo*.

O exercício seguinte pedia que os alunos seguissem o modelo *modificação da paisagem* – *modificação paisagística* e completassem os espaços em brancos.

Considere-se as seguintes alíneas:

- a) Exageros da paixão
- b) Atitudes de criança
- c) Comprimento da linha
- d) Ciclo da vida
- e) Representação dos alunos
- f) Imposição da lei

O gráfico que se segue irá apenas considerar as respostas *passionais*, *infantis*, *linear*, *vital*, *discente*, *legal*. Devemos ainda referir que apesar da maioria das respostas à alínea e) ser *estudiantil*, como já referido ao longo do trabalho, a forma erudita dos adjetivos será sempre a privilegiada.

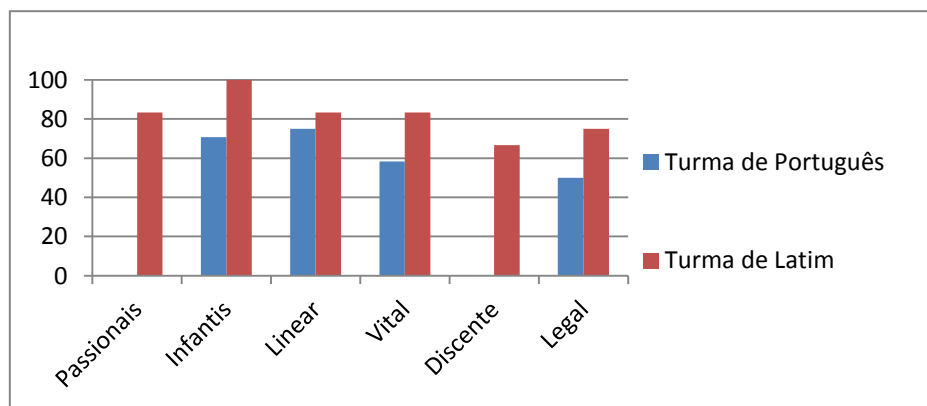


Gráfico XXV – Respostas corretas dos alunos de Português e Latim ao grupo III

Este exercício será aquele que talvez traduz melhor a facilidade com que os alunos com conhecimentos a latim têm em transformar um modificador em grupo adjetival. O quadro demonstra como a turma de Português não foi capaz de concretizar com sucesso a tarefa, evidenciando grandes dificuldades, principalmente nas alíneas a) e e).

5.3. Ficha 3

Em jeito de conclusão do estudo dos adjetivos e a sua flexão no grau superlativo entregou-se uma terceira ficha que contextualizava as formas superlativas absolutas sintéticas de adjetivos em obras referenciais do ensino superior. Como já antes mencionado, são elas *Os Maias* Eça de Queirós, *Memórias de um suicida* de Camilo Castelo Branco e *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano.

A Ficha 3 pedia que os alunos atentassem à forma superlativa absoluta sintética do adjetivo, indicassem o seu grau positivo ou normal e que lhe atribuíssem um sinónimo.

Os excertos apresentados foram os seguintes:

- a) “O outono passou, chegou o inverno, frigidíssimo” – Eça de Queiroz
- b) “Estou eloquentíssimo hoje, e temos dito cousas idiotas” – Eça de Queiroz
- c) “(...) cada dormitório continha dez leitos alvíssimos e confortáveis (...)” – Camilo Castelo Branco
- d) “(...) como se uma corda ou um cabo elétrico arrebetados se desprendessem estilhas dos fios tenuíssimos (...)” – Camilo Castelo Branco
- e) “Pudesse eu prolongar assim os teus dias, clementíssimo kalifa!” – Alexandre Herculano
- f) “Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos Sarracenos, ela era formosa (...)” – Alexandre Herculano
- g) “(...) mas generoso, com a ideia de um feito, vil e covarde em qualquer escudeiro, vilíssimo num rei de Portugal, num neto de Afonso IV.” – Alexandre Herculano

Abaixo segue-se um gráfico que esquematiza em percentagem o número de alunos que conseguiu aferir o grau normal dos adjetivos *frigidíssimo*, *eloquentíssimo*, *alvíssimos*, *tenuíssimos*, *clementíssimo*, *pugnacíssimos* e *vilíssimo*.

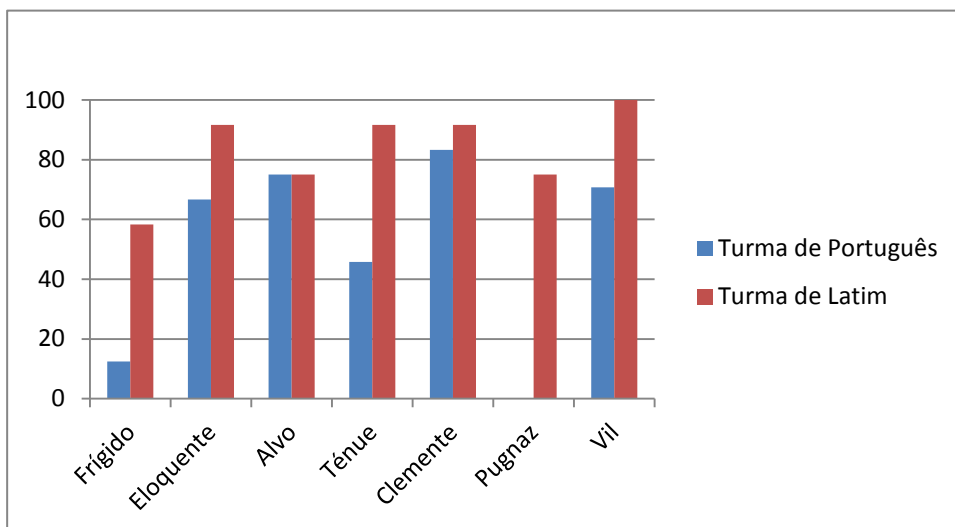


Gráfico XXVI – Resultados corretos obtidos pelas duas turmas em pontos percentuais

Atendendo à tradução de resultados pelo gráfico, confirma-se uma vez mais o que vem sendo sustentado ao longo das fichas entregues em sala de aula. De facto, praticamente em todas as alíneas a turma de Latim atingiu resultados mais satisfatórios em comparação com a turma de Português. Note-se, no entanto, que 75% dos alunos de ambas as turmas identificaram como “alvo” o grau normal de *alvíssimo*. Contudo, importou averiguar se realmente os alunos são conhecedores do significado dos adjetivos, ou se, por outro lado, limitaram-se a retirar o sufixo *-íssimo* à forma superlativa dos mesmos.

O verdadeiro motivo ao abordar o grau superlativo absoluto sintético em contexto literário era verificar se realmente os alunos deduzem o significado dessas formas. É com o apoio nos gráficos seguintes que se compreenderá se os alunos conseguem, em termos práticos, deduzir o significado dessas formas adjetivais em contexto literário. Por isso, serão apresentados os sinónimos que ambas as turmas atribuíram aos adjetivos *frígido*, *eloquente*, *alvo*, *ténue*, *clemente*, *pugnaz* e *vil*.

Ambas a turmas responderam unanimemente correto ao sinónimo de frígido – frio.

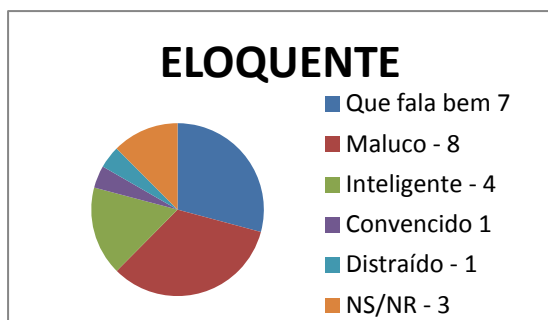


Gráfico XXVII – Turma de Português – eloquente

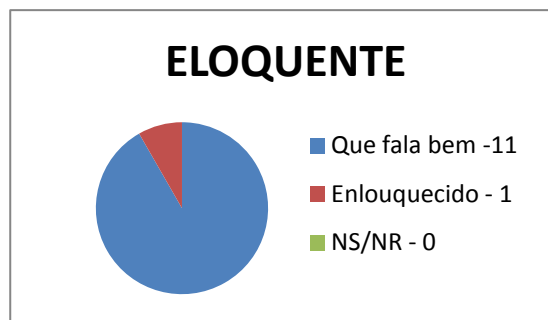


Gráfico XXVIII – Turma de Latim - eloquente

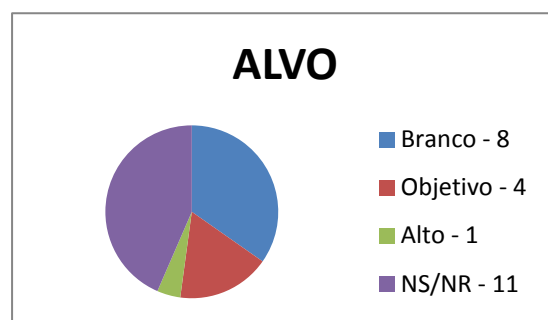


Gráfico XXIX – Turma de Português - alvo

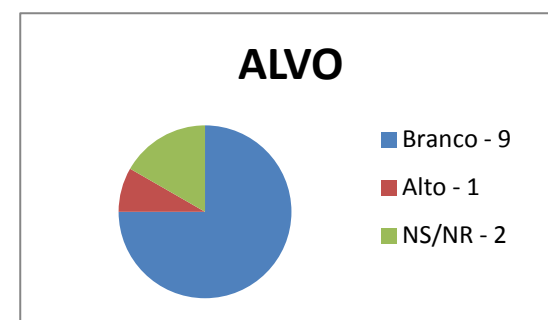


Gráfico XXX – Turma de Latim – alvo

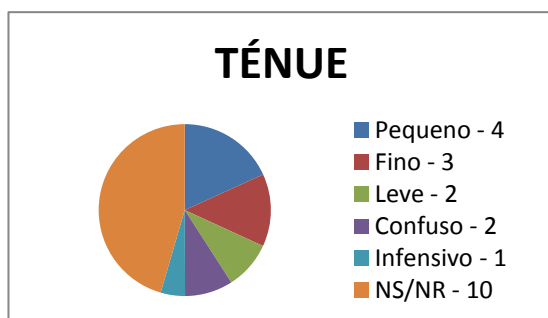


Gráfico XXXI – Turma de Português – ténue

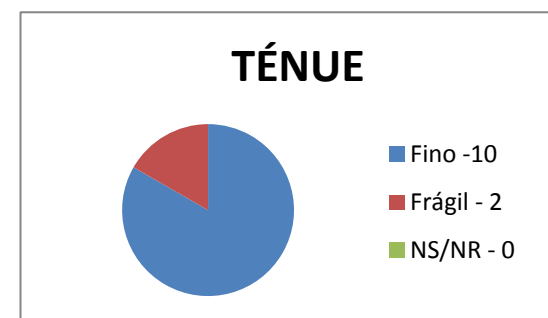


Gráfico XXXII – Turma de Latim – ténue

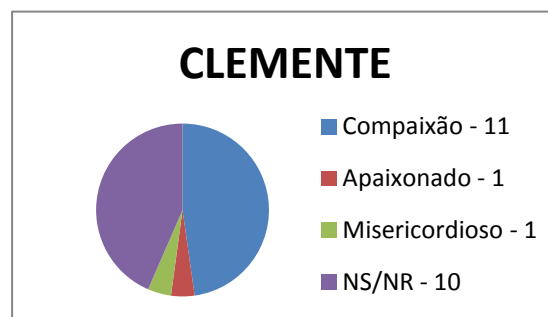


Gráfico XXXIII – Turma de Português – clemente

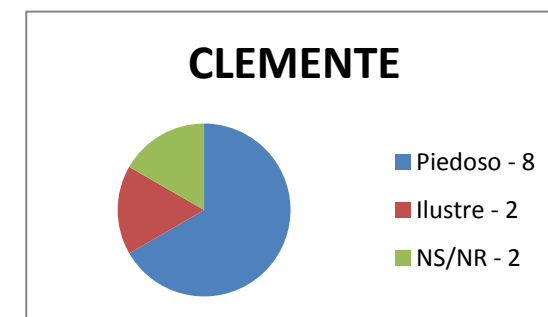


Gráfico XXXIV – Turma de Latim – clemente

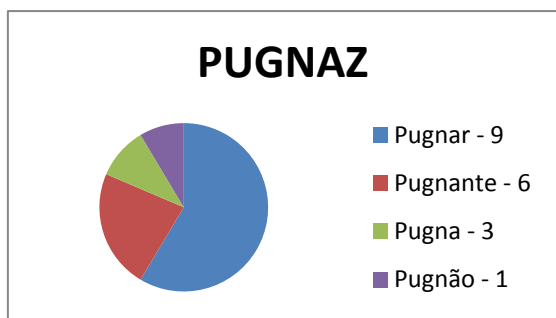


Gráfico XXXV – Turma de Português – pugnaz

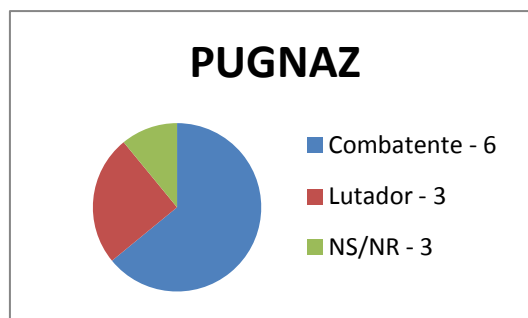


Gráfico XXXVI – Turma de Latim – pugnaz

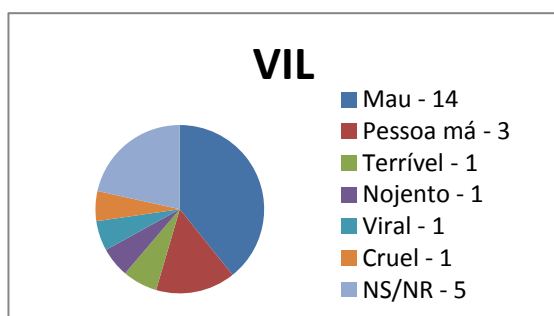


Gráfico XVI – Turma de Português – vil

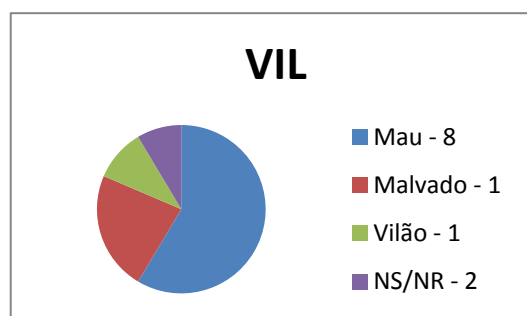


Gráfico XVII – Turma de Latim – vil

No seguimento do que vem tendo sido verificado existem ainda muitas lacunas vocabulares nos alunos, embora no 10.º ano de escolaridade, seriam esperados outros resultados.

Neste âmbito é importante referir que 60% do nosso vocabulário provém do latim. Por isso, é legítimo afirmar que os conhecimentos de língua latina contribuem para “o enriquecimento do léxico da língua materna e evita o seu empobrecimento”.¹⁰ Neste caso em concreto a referência é feita à língua portuguesa, cujos conhecimentos de latim são indispensáveis na diminuição do insucesso escolar. Note-se que, em particular, a aprendizagem da morfologia e da sintaxe latinas ajuda a ter conhecimentos seguros nessas áreas no Português, fomentando uma melhor produção escrita, oral e maior facilidade compreensão de texto e interpretação.

João Manuel Nunes Torrão verificou durante o seu trabalho como professor de Latim e Grego que especial atenção tem de ser dada na aquisição de vocabulário. Segundo o mesmo, o facto de o aluno adquirir muito vocabulário “permite que o aluno compreenda, desde a

¹⁰ Ver o testemunho de Maria Helena da Rocha Pereira no subtópico “A importância do Latim na aprendizagem do Português” no documento intitulado *Oração Relativa e a sua aplicação no contexto Pedagógico-didático*, disponível em <http://pt.slideshare.net/nadiavarelanunes/importancia-do-latim-na-aprendizagem-do-portugus>

primeira leitura, o sentido global do texto.”¹¹ De igual maneira aconselha à “exploração etimológica e a aproximação do português”, com o propósito de “enriquecer, em simultâneo o vocabulário da língua clássica (...) e ainda o vocabulário português ou das outras línguas modernas”¹².

Em geral, as palavras por si só têm uma gama de significados ou significados sobrepostos – campo semântico. Dependendo do contexto o orador/ouvinte, normalmente, sabe intuitivamente a que significado nos referimos. Contudo, sabe-se que a língua é feita pelo falante. Muitas vezes o significado de uma palavra muda conforme o significado corrente que lhe é atribuído. Um engano etimológico é assumir que a origem de uma palavra é o seu real significado, quando o verdadeiro significado de uma palavra é o seu uso atual. Nos exemplos apresentados acima - *frígido, eloquente, alvo, ténue, clemente, pugnaz* e *vil* -, destaca-se a importância etimológica das palavras. A etimologia mostra-se útil principalmente nos casos *alvo, ténue, clemente e pugnaz*, que mais dúvidas provocaram quanto à sua significação.

Como instrumento de apoio a este exercício recorreremos ao Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003), pois ajuda a perceber e a justificar a ideia de que a etimologia é deveras importante quando atentamos ao vocabulário português e à sua significação. Aqui se listam as definições para os diferentes adjetivos acima citados:

- **alvo:** 1. que é branco, claro. 2. (fig.) dotado de pureza, cândido, inocente. 3. ponto de mira que se procura atingir com algo (tiro, flecha, bomba, *etc.*) 4. (fig.) objetivo, finalidade. ETIM.: *albus, a, um* ‘branco, claro, puro’.
- **ténue:** 1. pouco espesso, delgado, fino. 2. (fig.) débil, fraco. 3. que tem leveza, gácil. 4. muito pequeno, insignificante. 5. quase impercetível, subtil. 6. que não persiste, leve, ligeiro, fugaz. 7. que é de pouco valor ou importância. ETIM.: *tenuis, e* ‘fino, delgado, de condição humilde’.
- **clemente:** 1. que tem clemência, indulgente, bondoso, benigno. 2. suave, ameno, temperado. ETIM.: *clemens, entis* ‘que tem declive, suave, bom, bondoso, indulgente’.
- **pugnaz:** 1. que é dado a lutas e brigas, belicoso. 2. militante, combativo. ETIM.: *pugnax, cis* ‘belicoso, guerreiro, aguerrido’.
- **vil:** 1. que tem pouco valor, reles, ordinário. 2. que custa pouco 3. desprezível, indigno 4. que tem pouca importância, humilde. ETIM.: *ulis, e* ‘barato’ (fig) ‘vulgar, desprezível’.

¹¹ Texto publicado em no II Colóquio Clássico — Actas. Aveiro, Universidade, 1997, pp.175-187, disponível em <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Dicionario.pdf>.

¹² Idem

Atendendo aos resultados de ambas as turmas e legítimo o que tem sido defendido. De facto não assistimos a uma homogeneidade de respostas.

Quando pedidos para indicar um sinónimo de “alvo”, 33% dos alunos da turma de Português respondeu corretamente, enquanto na turma de Latim essa percentagem subiu para os 75%. Note-se, igualmente, que o número de alunos que não sabiam/não responderam é significativamente superior na turma de Português – 46% - do que na turma de Latim – 17%.

No caso de “ténue”, atribuiremos o significado de “fino” à forma adjetival presente na alínea d) - “(...) como se uma corda ou um cabo elétrico arrebetados se desprendessem estilhas dos fios tenuíssimos (...)”. Por isso, verifica-se que apenas 13% da turma de Português respondeu com sucesso face aos 83% de alunos da turma de Latim que concluíram bem a tarefa.

Mas, ao se considerar o contexto da alínea c) – “Pudesse eu prolongar assim os teus dias, clementíssimo kalifa!” – o significado correto ao adjetivo “clemente” seria “bondoso”.

O gráfico mostrado acima revela as várias aceções que os alunos de Português e de Latim deram ao adjetivo. No caso da turma de Português aceitar-se-ão as definições ‘que mostra compaixão’ e ‘misericordioso’, perfazendo um total de 50% de respostas corretas. No caso da turma de Latim será aceite apenas a definição ‘piedoso’, concluindo que aproximadamente 67% da turma atribuiu a definição ajustada ao adjetivo.

Apesar de se terem conferido outras significações, a verdade é que aproximadamente 42% da turma de Português não soube/não respondeu à alínea c). O número percentual de alunos da turma de Latim que não soube/não respondeu à questão foi de aproximadamente 17%.

Quanto ao sinónimo de “pugnaz”, na turma de Português não foram consideradas nenhuma das respostas, pois não demonstraram saber o que o adjetivo significa. Os alunos limitaram-se a indicar o verbo formado pela forma adjetival. Já a turma de Latim obteve um total de 75% de respostas corretas. Essa percentagem englobou as respostas “combatente” e “lutador”, uma vez que são ambos sinónimos válidos de “pugnaz”.

O mesmo procedimento de aglomeração de repostas se deu na identificação de sinónimos para “vil” da turma de Português, considerando as opções “mau”, “pessoa má”, “terrível” e “cruel”. Assim obtemos 79% de respostas corretas. Na turma de Latim consideramos os sinónimos “mau” e “malvado”, perfazendo um total de 83% de respostas corretas.

REFLEXÃO FINAL

Apresentam-se agora as conclusões deste estudo, bem assim sugestões para pesquisas decorrentes desta reflexão que poderão dar continuidade ao trabalho desenvolvido.

Como num primeiro momento referido, o objetivo do presente relatório de estágio seria fazer uma investigação comparativa do conteúdo do grau superlativo dos adjetivos com alunos de Português e de Latim. O intuito passaria por corroborar como o ensino do latim nas escolas básicas e secundárias se mostra necessário na altura de aprender a gramática portuguesa visto ter como base a matriz gramatical latina.

Todavia, é preciso considerar que nem todos os alunos se encontravam nas mesmas circunstâncias de aprendizagem. Somado esse fator, entenda-se que tanto o latim como o português apresentam um conjunto de diferenças que condicionaram os métodos e metodologias de ensino. Isto porque, desde o primeiro ano de escolaridade os alunos têm um contacto permanente e aprofundado da língua portuguesa, tornando-se autónomas muito rapidamente. Já o Latim tem como condicionante ser uma disciplina de opção oferecida pelas escolas muitas vezes sem alunos suficientes para poder formar uma turma. No caso da escola Rodrigues de Freitas, o número de alunos a escolher Latim ultrapassou as expectativas, contando com um total de treze discentes. Embora se tenha atingido este número, admita-se que o latim tem uma conotação depreciativa para a grande parte dos alunos. Como vimos anteriormente, o latim é considerado uma “língua-morta”, sem qualquer aplicação prática no nosso dia-a-dia, logo, sem interesse em aprender. Relembre-se também que, muitas vezes, o latim está associado a um ensino rígido e disciplinado. Face a esta problemática torna-se urgente aplicar novos métodos que permitam uma maior motivação nos alunos para que assim se consigam relacionar e identificar com este tipo de disciplinas mais esquecidas. Para isso, vimos como é fundamental que o professor adote estratégias e métodos apropriados ao grupo/turma com que está a trabalhar, indo ao encontro dos seus interesses.

Nesse sentido, por vezes tornou-se difícil conseguir a atenção dos alunos, especialmente os da turma de Latim. Durante a lecionação do conteúdo do grau absoluto sintético dos adjetivos, bem como os restantes conteúdos incumbidos, o meu papel enquanto professora foi o de agir como mediadora e atuar nas dúvidas dos alunos para que numa situação de avaliação as pudessem ultrapassar as dúvidas sozinhos. Como a atuação de professora em sala de aula foi intercalada com os restantes colegas do núcleo de estágio, assim como com o professor responsável pelas disciplinas, verificaram-se algumas dificuldades no momento de conhecer mais profundamente a turma, os seus gostos e os seus problemas, que, como se sabe, tantas vezes condicionam as aulas. No caso particular do latim, a principal dificuldade em planificar as aulas passou por encontrar estratégias que “prendessem” a atenção dos alunos, uma vez que

se tratava de uma turma bastante apática e vinda de núcleos familiares instáveis. Muitas vezes a atenção da turma centrava-se noutros problemas que não na disciplina, acusando os alunos cansaço e escassos hábitos de estudo.

Tendo em conta as características/limitações deste mesmo estudo (amostra limitada; caracterização das turmas), relembramos que não se pretende fazer generalizações. A análise de dados conseguida e toda a investigação feita provou como a gramática greco-latina serviu de modelo para a estruturação e descrição da gramática da língua portuguesa. No que toca ao grau dos adjetivos não foi diferente, visto a expressão de grau como um caso de flexão prevalecer nas gramáticas portuguesas. Tal como Cunha e Cintra (2005) defendem, “a rigor, a flexão de grau é pertinente ao adjetivo”.

No caso do grau superlativo absoluto sintético verificou-se que pode ser flexionado de duas formas: por via erudita e por via popular. O adjetivo por via erudita forma-se tendo em conta o a junção do radical do adjetivo latino aos sufixos *-issimo*, *-errimo* ou *-illimo*. A via popular ocorre acrescentando o sufixo *-issimo* à base adjetiva.

De acordo com os resultados obtidos conseguiu-se confirmar como a formação do grau superlativo dos adjetivos por via erudita tem caído em desuso, muito também, graças ao cada vez maior desconhecimento da gramática e pela exígua competência lexical dos falantes.

Verifica-se, contudo, que em grande parte nenhuma das duas turmas conseguiu realizar a tarefa com sucesso, muito embora, à primeira vista, tenha sido reconhecido como um exercício básico. Outra verdade corroborada é que cada vez mais os alunos não dominam nem percebem os processos de formação deste grau dos adjetivos e recorrem sistematicamente a regras gerais que não se aplicam em todos os casos, o que acaba por desvalorizar a herança da língua de Lácio em (mais) um dos aspetos da gramática.

Partindo do exemplo da turma de Latim, extremamente desinteressada e com maus resultados, os alunos foram capazes de flexionar os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético corretamente após a explicação teórica. Os valores apresentados no último capítulo deste relatório assim o provam. Apesar de, numa primeira fase, os alunos de Latim terem obtido resultados menos satisfatórios quando comparados com os da turma de Português, a verdade é que, uma vez lecionado o conteúdo dos graus dos adjetivos em latim, conseguiram resolver o pós-teste com resultados muito mais positivos. Nesse segundo momento mostraram-se capazes até de superar os valores atingidos pelos alunos de português.

Estas conclusões convidam a refletir sobre os resultados da aprendizagem da língua latina nas nossas escolas e repensar a estrutura curricular do ciclo de estudos, a fim de desenvolver nos alunos conhecimentos úteis que os preparem a um uso mais competente da

língua materna. Se, por um lado, o projeto “Oferta de escola” aparece como solução para este problema, por outro, não será suficiente se não for complementada com mudanças no ensino secundário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

- Almendra, M. & Figueiredo, J. *Compêndio de Gramática Latina*. Porto Editora.
- Bechara, E. (2003) *Moderna gramática portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna.
- Cunha, C. & Cintra, Lindley. (2005) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa. Lisboa.
- Ernout, A. (2009) *Morphologie Historique du latin*. BIBLIOLIFE, LLC.
- Ferreira, A. *Dicionário de Latim-Português*. Porto Editora.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2003) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto António Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Linguística Portuguesa S/C Lda. Lisboa.
- Lopes, M. (1996) *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras
- Machado, P. (2003) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Livros Horizonte.
- Martins, I. & Freire, M. (2014) *Nova itinera 10*. Edições ASA.
- Mateus, M. H. M. & Duarte, I., Faria, I. H. (2006) *Gramática da Língua Portuguesa*. Editorial Caminho.
- Monteil, P. (1986) *Éléments de phonétique du latin*. Editions Nathan. Paris.
- Oliveira, M. L. & Mouta, M. G. (2006) *Navegar na Língua Portuguesa – Língua Portuguesa – 7.º Ano*. Didáctica Editora. Lisboa
- Reigota, F. & Silva, M. (2008) *Preparação para o Exame Nacional – Língua Portuguesa – 9.º Ano*. Porto Editora, Porto
- Verdelho, T. (1995) *As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Vygotsky, L. S. (2008) *Pensamento e Linguagem*. Relógio D'Água.

- *Dicionário Enciclopédico*. Koogan Larousse Seleções. 1980
- *Oxford Latin Dictionary*. Oxford Dictionaries. 1982

Artigos científicos

- Carneiro, M. C. (1994) *O latim na reforma do sistema educativo*. Máthesis 3 pela Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, pp. 251-254. Viseu. Acedido a 12 junho 2015, em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_latim_na_reforma_do_sistema_educativo
- Johnson, H. M. (1908) *Principles of Teaching Latin*. The Classical Weekly, Vol. 2, N.º 8 pp. 58-60 pela Classical Association of the Atlantic States. Acedido a 21 maio 2015, em <http://www.jstor.org/stable/4385917>
- Peckett, C. W. (1963) *Modern Methods of Teaching Latin*. The Classical Journal, Vol. 59, N.º 2 pp. 58-62 pela The Classical Association of the Middle West and South. Acedido a 25 maio 2015, em <http://www.jstor.org/stable/3294027>
- Pimentel, C. S. (2001) *O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino*. Ágora. Estudos Clássicos em Debate 3 pp. 183-245. Acedido a 21 maio 2015, em <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/latim.pdf>
- Torrão, J. M. (2015) *A aquisição de vocabulário e o uso do dicionário*. Texto publicado no II Colóquio Clássico — Actas pp. 175-187. Universidade de Aveiro, 1997. Acedido a 20 maio 2015, em <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Dicionario.pdf>
- Viaro, M. E. (1999) *A importância do latim na atualidade*. Revista de ciências humanas e sociais, São Paulo, Unisa, Vol. 1, N.º 1, pp. 7-12. Acedido a 25 maio 2015, em <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/MViaro018.pdf>
- Xavier, L. G. (2013) *Ensinar e Aprender Gramática: Algumas Abordagens Possíveis*. Exedra n.º 7 pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Acedido a 21 maio 2015, em <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2014/08/13EF-v2.pdf>

Webgrafia

- Azevedo, M. A. & Moranguinho, J. (2012) *Projeto Pari Passu – introdução à cultura clássica*. Acedido a 02 novembro 2014, em <http://xanaaareis.wix.com/projeto-pari-passu#!schedule>
- Barbosa, G. “*Não se pretende pôr as crianças a falar latim e grego*”, *esclarecem professores*. Público 05/06/2015. Acedido a 12 julho 2015, em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/apoio-do-mec-a-divulgacao-cultura-classica-e-a-novidade-no-proximo-ano-lectivo-1698088>.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R. & Violante, F. M. (2012) *Metas Curriculares de Português Ensino Básico 1.º, 2.º e 3.º ciclos propostas pela equipa de portugueses*. Acedido a 12 maio 2015, em http://www.rbe.mec.pt/np4/file/558/metas_curriculares.pdf.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R. & Violante, F. M. (2015) *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Acedido a 12 maio 2015, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf
- Damião, H. (2012) *Pari passu. De Rerum Natura*. Acedido a 05 abril 2015, em <http://dererummundi.blogspot.pt/2012/07/pari-passu.html>
- Direção Geral da Educação. *Introdução à Cultura e Línguas Clássicas*. Acedido a 20 julho 2015, em <http://www.dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas>
- Martins, I. (coord.) & Silva, M. (2005). *Programa de Latim a 10º e 11º anos*. Acedido a 12 novembro 2014, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorrente/latim_a_10_11.pdf
- Ministério da Educação e Ciência. *Dicionário Terminológico*. Acedido a 05 novembro 2015, em <http://dt.dge.mec.pt/>
- Ministério da Educação (2007) *Revisão da terminologia linguística para os ensinos básico e secundário*. Acedido 15 maio 2015, em http://www.netprof.pt/pdf/revisao_tlebs_2007.pdf
- Pimentel, M. C. & Costa, M. A. (2015) *Metas Curriculares de Latim A do Ensino Secundário 10.º e 11.ºanos*. Acedido a 02 agosto 2015, em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Metas/documentos/es_metas_curriculares_latim_a_10_11.pdf

- Santiago, A & Paixão, S. (2011) *Dicionário Terminológico – principais alterações: da nomenclatura gramatical portuguesa ao dicionário terminológico*. P7. Lisboa. Texto editora. Acedido a 20 janeiro 2015, em [http://www.esqm.pt/documentos/be/DICIONARIO TERMINOLOGICO.pdf](http://www.esqm.pt/documentos/be/DICIONARIO_TERMINOLOGICO.pdf)
- Santo, C. E. *Latim a remar contra a maré*. Jornal Público. Portugal. Acedido a 15 abril 2015, em <http://www.publico.pt/portugal/noticia/latim-a-remar-contr-a-mare-1690948>

Legislação

- Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 5 de julho de 2012. Ministério da Educação e Ciência.
- Decreto-Lei n.º 91/2013 de 10 de julho. Diário da República, 1.ª série — N.º 131 — 10 de julho de 2013. Ministério da Educação e Ciência.
- Despacho n.º 2109/2015. Diário da República, 2.ª série — N.º 41 — 27 de fevereiro de 2015. Gabinete do Ministro. Ministério da Educação e Ciência.

ANEXOS

1. Ficha 1



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Disciplina:	Ano/Turma:
Professora Estagiária: Helena Spínola	Data:

- Preenche os espaços com o grau superlativo dos seguintes adjetivos:

Fiel: _____

Feroz: _____

Capaz: _____

Simple: _____

Doce: _____

Célebre: _____

Cheio: _____

Largo: _____

Pobre: _____

Magro: _____

Fácil: _____

Amigo: _____

Nobre: _____

Cruel: _____

Antigo: _____

Humilde: _____



2. Ficha 2



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Disciplina:	Ano/Turma:
Professora Estagiária: Helena Spínola	Data:

O GRAU SUPERLATIVO DOS ADJETIVOS

I. Indica o grau superlativo absoluto sintético dos seguintes adjetivos:

- a) Feliz: _____
- b) Livre: _____
- c) Difícil: _____

II. Assinala com um X, a opção correta das formas superlativas absolutas sintéticas de “comum”, “acre”, “soberbo” e “fiel”:

- a) Comuníssimo, acríssimo, super, fielíssimo
- b) Comuníssimo, acérrimo, superbíssimo, fidelíssimo
- c) Comunérrimo, acérrimo, sobérrimo, fidelíssimo
- d) Comunérrimo, acríssimo, supérrimo, fielíssimo

III. Segue o modelo e completa:

Modificação da paisagem – modificação paisagística

- a) Exageros da paixão - _____
- b) Atitudes de criança - _____
- c) Comprimento da linha - _____
- d) Ciclo da vida - _____
- e) Representação dos alunos - _____
- f) Imposição da lei - _____

IV. Assinala com um X, qual das formas do grau superlativo absoluto sintético está mal flexionada:

- Largo: larguíssimo
- Magro: macérrimo
- Doce: docílimo
- Triste: tristíssimo

V. Identifica o grau normal das seguintes formas superlativas absolutas sintéticas dos adjetivos:

a) Capacíssimo:

b) Ferocíssimo:

c) Fragílmo:

d) Beneficentíssimo:

e) Juveníssimo:

f) Sapietíssimo:

g) Sacratíssimo:

h) Mansuentíssimo:

3. Ficha 3

Disciplina:	Ano/Turma:
Professora Estagiária: Helena Spínola	Data:

Atenta à forma dos adjetivos das seguintes citações, retiradas de obras de Eça de Queiroz (E.Q.) em *“Os Maias”*, de Camilo Castelo Branco (C.C.B.) em *“Memórias de um suicida”* e de Alexandre Herculano (A.H.) em *“Lendas e Narrativas”*, e indica a forma do adjetivo no grau normal. Indica, também, o significado desses adjetivos.

a) “O outono passou, chegou o inverno, frigidíssimo” – E.Q.

b) “Estou eloquentíssimo hoje, e temos dito cousas idiotas” – E.Q.

c) “(...) cada dormitório continha dez leitos alvíssimos e confortáveis (...)” – C.C.B.

d) (...) como se uma corda ou um cabo elétrico arrebitados se desprendessem estilhas dos fios tenuíssimos (...)” – C.C.B.

e) “Pudesse eu prolongar assim os teus dias, clementíssimo kalifa!” – A.H.

f) “Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos Sarracenos, ela era formosa (...)” – A.H.

g) “(...) mas generoso, com a ideia de um feito, vil e covarde em qualquer escudeiro, vilíssimo num rei de Portugal, num neto de Afonso IV” – A.H.
